

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF
CDPHA

Diretoria para o biênio 2002-2004

Presidente de honra: Daniel Antipoff

Presidente: Regina Helena de Freitas Campos

Vice-presidentes:

Irene Pinheiro (FHA)

Lúcio Assumpção (Soc. Pestalozzi)

Marcelo Campos (Acorda)

Waldemar Servilha (ADAV)

Diretoria Técnica:

Otília Antipoff

Sérgio Cirino

Terezinha Andrade

Diretoria Administrativa

Carla Andréia Teixeira Dias Camargo

Denise Maria Nepomuceno

Érika Lourenço

Rogério de Alvarenga

Diretoria Financeira

Doralice Almeida Campos de Araújo

Ernani Henrique Fazzi

Terezinha Nunes

Conselho Fiscal

Titulares:

Jaqueline Rodrigues de Oliveira

Maria do Carmo Coutinho de Moraes

Maria Melo

Suplentes:

Leda Maria da Costa

Elizabeth Coutinho de Moraes

Elizabeth Monaier

Conselho Consultivo

Efetivos:

Adilson Dumont

Maria das Graças Teixeira

Mário Lúcio Moreira

Sérgio Farnese

Suplentes:

Edson Luiz de Oliveira Preto

Emerson Barbosa de Arruda

Maria Auxiliadora Galinari Nascimento

Raquel Godoi Malta

Coordenadores regionais

Lenita de Araújo Chaves (FHA)

Raquel Martins de Assis (UFMG)

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF
CDPHA

BOLETIM DO CDPHA
Número 16

Belo Horizonte, MG
2003

**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF
CDPHA**

Boletim do CDPHA

Comissão Editorial

Regina Helena de Freitas Campos – Coordenadora
Ana Charnizon
Dener Silva
Denise Nepomuceno
Ernani Fazzi
Érika Lourenço
Laisa Kelly Vilanova
Patrícia Melo
Raquel Martins de Assis

Consultores

Ana Lydia Santiago
Ana Maria Jacó-Vilela
Daniel Antipoff
Irene Melo Pinheiro
Maria do Carmo Coutinho de Moraes
Maria do Carmo Guedes
Miguel Mahfoud
Sebastião Rogério Góis Moreira
Sérgio Cirino
Sérgio Laia
Vânia Carneiro Franco

Contato:

Sala Helena Antipoff
Biblioteca Central - Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Antonio Carlos 6627 - Campus Pampulha
31270-901 Belo Horizonte (MG)
Telefone: (31) 3499-4418
E-mail: rhfcampo@fae.ufmg.br

Ficha catalográfica:

Boletim do CDPHA, n. 1 - 1981
Belo Horizonte, 1981 -

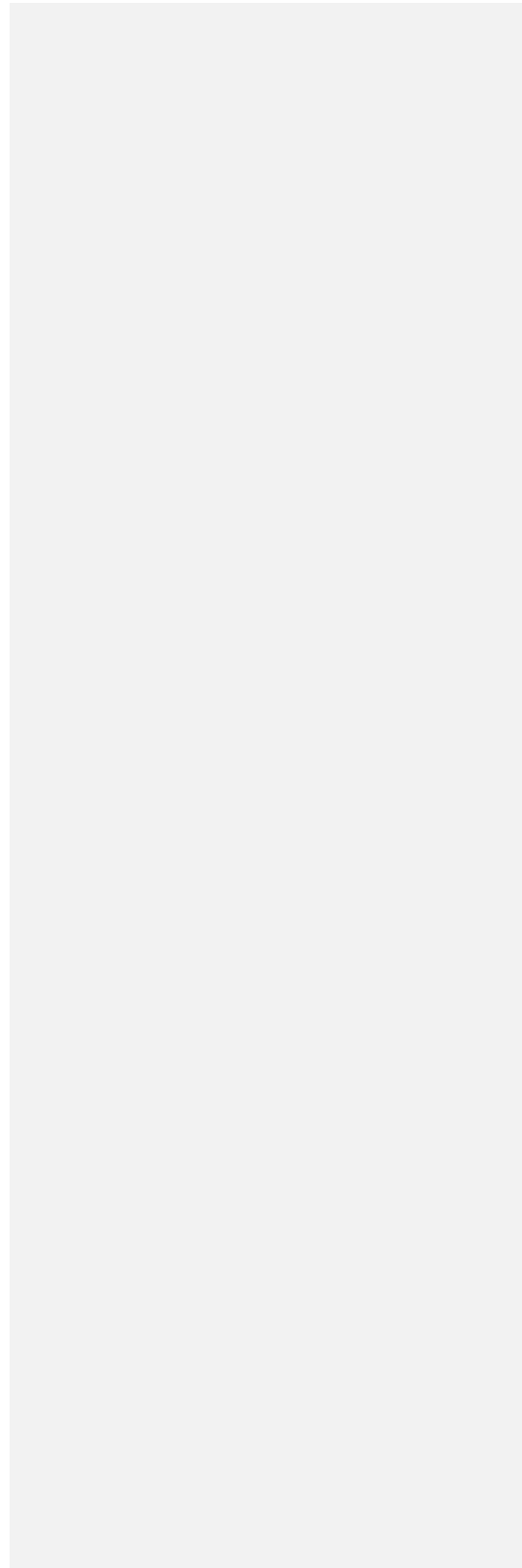
1. Psicologia - Periódicos 2. Educação - periódicos

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HELENA ANTIPOFF
CDPHA

BOLETIM DO CDPHA

Número 16
Ano 2003-07-05

SUMÁRIO



EDITORIAL

É com grande satisfação que apresentamos aos colegas e colaboradores a 16ª edição do Boletim do CDPHA, órgão de divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelo Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff. O CDPHA, instituído desde 1980 com a finalidade de preservar a memória e divulgar a obra de Helena Antipoff, vem desde 1981 contribuindo para, através deste seu Boletim, manter viva a filosofia que animou o trabalho por ela realizado nas áreas da psicologia e da educação, inspirando-se em seu exemplo de seriedade, lucidez e compromisso com os resultados práticos de suas ações.

Neste número, o Boletim traz os resumos das contribuições científicas apresentadas no XXI Encontro Anual Helena Antipoff, realizado através de associação entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e a Fundação Helena Antipoff, instituições que abrigam o acervo de Antipoff e onde há equipes dedicadas ao trabalho de recuperação e análise da obra da psicóloga no contexto da educação brasileira. Participam também da promoção do evento instituições criadas por iniciativa de Helena Antipoff: a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais e a ADAV - Associação Milton Campos para o Desenvolvimento de Vocações. Contamos ainda com o apoio imprescindível da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, da Fundação Mineira de Educação e Cultura, da Universidade Presidente Antonio Carlos, de Barbacena, da UTRAMIG, da CAPES e da própria UFMG.

Cada evento é dedicado ao exame de um aspecto relevante do trabalho de Antipoff. Neste ano de 2003, o tema escolhido - Psicologia, educação e saúde mental - história e atualidade - explora as contribuições da psicologia à saúde mental nas instituições educativas. Este tema foi escolhido por sua atualidade, uma vez que cada vez mais as preocupações dos educadores se voltam para a compreensão da ação dos sistemas educativos na criação de um ambiente adequado ao desenvolvimento de relações humanas saudáveis e solidárias. O ambiente escolar não é apenas um lugar de produção e disseminação do conhecimento. É também o lugar para se estabelecer um sistema de convivência humana pacífica e satisfatória do ponto de vista psico-social, contribuindo assim para fomentar a autonomia e a solidariedade entre os atores envolvidos na comunidade escolar. Partindo desta definição ampliada de saúde mental, e inspirados nas

propostas de Helena Antipoff relativas ao tema, pretendemos que este evento seja uma oportunidade para a reflexão sobre as relações entre psicologia, educação e saúde mental, tanto em perspectiva histórica quanto focalizando as teorias e práticas atuais na área.

Por ser um evento de interesse especial para pesquisadores em história da psicologia e da educação, o XXI Encontro abriga também o *II Encontro Interinstitucional de Pesquisadores em História da Psicologia*, lembrando assim a extraordinária contribuição de Helena Antipoff no desenvolvimento dessa área de conhecimento no Brasil. Este fórum reúne pesquisadores vinculados ao Núcleo Interinstitucional de Estudos em História da Psicologia (NIEHPSI), que congrega estudiosos do Núcleo de História da Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, do Núcleo Clio-Psyché da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da Linha de Pesquisa sobre Idéias Psicológicas na Cultura Luso-Brasileira, da Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto, da Faculdade Ruy Barbosa, de Salvador, Bahia, da Universidade de Brasília, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Universidade São Marcos (SP), dos Arquivos UFMG de História da Psicologia no Brasil, entre outras instituições.

Contamos também com a contribuição da pesquisadora Silvia Parrat-Dayan, dos Archives Piaget, da Universidade de Genebra, instituição com a qual temos desenvolvido laços de colaboração cada vez mais próximos, através de acordo de cooperação acadêmica e científica em vias de ser estabelecido entre os Archives Piaget e a Faculdade de Educação da UFMG.

Com a promoção de mais este evento - que é atualmente um dos mais tradicionais na psicologia brasileira, realizando-se ininterruptamente ao longo dos últimos vinte e um anos - acreditamos estar contribuindo mais uma vez para tornar conhecido das novas gerações de psicólogos e educadores o trabalho de Helena Antipoff e os múltiplos desdobramentos que esse trabalho tem gerado na história da psicologia e da educação no Brasil.

Belo Horizonte, agosto de 2003

Regina Helena de Freitas Campos

Presidente do CDPHA - gestão 2002-2004

Programa

**XXI ENCONTRO ANUAL HELENA ANTIPOFF
E
II ENCONTRO INTERINSTITUCIONAL DE PESQUISADORES
EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA**

Promoção:

Faculdade de Educação da UFMG
Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff
Arquivos Ufmg de História da Psicologia no Brasil
Fundação Helena Antipoff
Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais

Apoio:

CAPES
PAIE-UFMG
PUC-MINAS
UNIPAC-Barbacena
UTRAMIG

PROGRAMA

TEMA GERAL: Psicologia, Educação e Saúde Mental - História e atualidade

DIA 6.8:

9:00-10:30 hs - Abertura

Coord.:

Regina Helena de Freitas Campos - FaE/UFMG (Presidente do CDPHA)

Convidados:

Daniel Antipoff (Presidente de Honra do CDPHA)

Ângela Dalben (Diretora da Faculdade de Educação da UFMG)

Irene Melo Pinheiro (Presidente da Fundação Helena Antipoff)

Maria do Carmo Coutinho de Moraes (Diretora da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais)

Maria do Carmo Guedes (PUC-SP - Representante do Comitê Científico)

Vânia Carneiro Franco (PUC-MINAS)

11:00-12:30 - Conferência

Conceitos de saúde mental na história da psicologia

Marina Massimi (USP-Ribeirão Preto)

14:00-16:00 - Mesa Redonda

Psicologia, educação e saúde mental: modelos de análise

Coord. Ana Lúcia Santiago (Fae/UFMG)

Psicanálise e educação (Sérgio Laia, Fumec)

Educação e comportamento (Sérgio Cirino, Fae/UFMG)

Fenomenologia e educação (Miguel Mahfoud, Fafich-UFMG)

16:30-18:00 - Sessões coordenadas simultâneas

- 1) Formação de psicólogos e de educadores (Coord.: Rita de Cássia Vieira - UFMG)
- 2) Saúde mental e psicologia (Coord.: Raquel Martins de Assis - PUC-Minas)
- 3) História da psicologia (Coord.: Ernani Fazzi - UFMG)
- 4) História da psicologia da educação no Brasil (Coord.: Denise Nepomuceno - UFMG e Patrícia Melo - Puc-Minas)

18:00 - Palestra

Fontes primárias para a história cultural em Minas Gerais
Caio César Boschi (Puc-Minas)

DIA 7.8:

9:00-10:30 hs - Conferência

Psicanálise e educação

Leandro Lajonquière (USP)

Debatadora: Eliane Marta Teixeira Lopes (Fae/UFMG)

Coord.: Ana Lúcia Santiago (Fae/UFMG)

11:00-12:30 hs - Mesa Redonda

Psicologia, educação e saúde mental: modelos de intervenção I

Coordenação - Sérgio Cirino (Fae/UFMG)

Ana Lúcia Santiago (Fae/UFMG)

Andréa Guerra (Puc-Minas)

Sebastião Rogério Góis Moreira (ISE-FHA, Utramig e Uemg)

14:00-16:00 hs - Mesa Redonda

Psicologia, educação e saúde mental: modelos de intervenção II.

Coord.: Sebastião Rogério Góis Moreira

Priscila Augusta Lima (Fae/UFMG)

Terezinha Vieira (Fafich/UFMG)

Daniel Antipoff (CDPHA)

16:30-18:30 hs - Sessões Coordenadas simultâneas

- 5) Metodologia de pesquisa em história da psicologia (Coord. Dener Silva - UFSJ)
- 6) História da psicologia no Brasil (Coord.: Érika Lourenço - UNIPAC)
- 7) Prevenção e saúde mental - história e atualidade (Coord. Ana Charnizon - UFMG)

DIA 8.8:

9:00-10:30 hs - Conferência

Revisitando Piaget: o método clínico e seu impacto na construção do conhecimento em Psicologia da Educação

Silvia Parrat-Dayana (Archives Piaget, Univ. de Genebra)

Coord.: Regina Helena de Freitas Campos (Fae-UFMG)

11:00-12:30 hs - Simpósio

Saúde mental e a história da psicologia no Brasil

Nádia Rocha (FRB, Bahia)

Hélder Pereira (UNIPAC-Barbacena)

Debatedora: Maria Cristina Gouveia
(Fae/UFMG)

14:00-16:00 hs - Mesa Redonda

**Psicologia, educação e saúde mental–
Aspectos históricos, desafios contemporâneos**

Coord.: Maria do Carmo Guedes (PUC-SP)

Regina Helena F. Campos (Fae/UFMG)

Mitsuko Antunes (PUC-SP)

Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ)

16:30-17:30 hs - Encerramento

Síntese do evento

Regina Helena de Freitas Campos (Fae/UFMG - Presidente do CDPHA)

17:30-19:00 hs - Reunião do NIEHPSI (Núcleo de Estudos Interinstitucionais em História da Psicologia)

DIA 9.8 - Na Fundação Helena Antipoff

9:00-10:30 hs - Mesa Redonda

Corpo, saúde e trabalho

Coord.: Therezinha Nunes (ISE - Fundação Helena Antipoff)

Maria Elizabeth Antunes Lima (Fafich/UFMG)

Tarcísio Mauro Vago (Fae/UFMG)

Debatedora: Margarete Pires Couto (ISE - Fundação Helena Antipoff)

11:00-12:30 hs - Visita ao Memorial Helena Antipoff e ao CDPHA/Ibirité

12:30-14:00 hs - Almoço

14:00-16:00 - Assembléia Geral do CDPHA

SESSÕES COORDENADAS SIMULTÂNEAS:

1) **Formação de psicólogos e educadores:**

Coordenação: Rita de Cássia Vieira (UFMG)

- As representações sociais da aprendizagem docente (Ana Cláudia Lopes Chequer Saraiva e Regina Helena de Freitas Campos - UFV/MG)
- Perfil de egressos do Curso de Psicologia da Universidade São Marcos - reflexões acerca da formação de psicólogos (Carmem Sílvia Rotodando Taverna - USM/SP)
- Centro de Valorização da Vida: fundação e expansão de um serviço voluntário de ajuda psicológica durante a segunda metade do século XX (André Barreto Prudente e Marina Massimi - USP-Ribeirão Preto)
- Herança de Anieli Ginsberg - promovendo a psicologia no Brasil (Mônica Leopardi Bosco de Azevedo - PUC/SP)

2) **Saúde mental e psicologia:**

Coordenação: Raquel Martins de Assis (PUC-Minas e Fae/UFMG)

- Medidas oficiais para a proteção à infância e à família - estudo da legislação federal e outros textos entre 1890 e 1945 (Ana Laura Godinho Lima e Flávia Sílvia Rodrigues - Fac. Educação/USP)
- Contribuições do "Brasil-Médico" para a psicologia atual (Ana Maria Jacó-Vilela, Antônio Carlos Cerezzo, Roberta Ferreira Domingues, Joane Jardim Dias - UERJ)
- O olhar médico: saúde pública, psicologia e educação nas teses da Faculdade de Medicina de Porto Alegre (Cristina Luhliller - Univ. Caxias do Sul/USP-Ribeirão Preto)
- Hospital Colônia de Barbacena: um estudo sobre a história da psicologia na saúde mental em Minas Gerais (Érika Lourenço - Unipac-Barbacena/Fae-UFMG e Maria Cristina Mazoni Silva Martins - Unipac-Barbacena)
- Medicina Legal e as teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (Ana Maria Jacó-Vilela, Viviane Rerraz Studart Pereira e Adriana Amaral)

3) **História geral da psicologia:**

Coordenação: Ernani Fazzi (Fae/UFMG)

- A idéia de ciência como base do conhecimento no século XVIII: apontamentos acerca de Mathias Aires (Marcelo Botosso - USP-Ribeirão Preto)
- A psicologia histórica de Ignace Meyerson (Maria Fernanda Costa Waeny - Puc/SP)
- O múltiplo surgimento da psicologia (Arthur Arruda Leal Ferreira - UFRJ)

- De como questões psicológicas contribuíram ao estabelecimento da teoria da seleção natural (Francisco Teixeira Portugal - Puc-Rio)

4) **História da psicologia da educação no Brasil:**

Coordenação: Denise Nepomuceno (Fae/UFMG) e Patrícia Melo (Puc-Minas)

- Um estudo histórico sobre a psicologia escolar na Secretaria da Educação da Prefeitura de São Paulo (Carmem Sílvia Rotodando Taverna - NEHPSI/Psicologia Social Puc/SP)
- Reflexões sobre Antipoff, a criança e a REBEP (Virgínia Sales Gebrim - Univ. Católica de Goiás)
- Escola fundamental para a criança da roça: um contraponto entre a pedagogia de Helena Antipoff e a pedagogia da Escola Fundamar (Maria Lúcia Prado/Fundação 18 de Março-Escola Fundamar e Maria do Carmo Xavier - Puc-Minas)
- Édouard Claparède e a psicologia da educação no Brasil (Regina Helena de Freitas Campos e Laisa Kelly Vilanova - Fae/UFMG)

5) **Metodologia de pesquisa em história da psicologia:**

Coordenação: Dener Silva (UFSJ e Fae/UFMG)

- O zero e o infinito - reflexões sobre o método biográfico em história da psicologia (Heliana de Barros Conde Rodrigues - Núcleo Clio-Psyché/UERJ)
- Presença da psicologia na saúde pública em Campinas - história e memórias (Marilda Castelar - PUC-SP)
- Pioneiro da psicologia do esporte - João Carvalhaes (Mônica Leopardi Bosco de Azevedo e Maria Fernanda Waeny - PUC-SP)
- Pesquisa de fontes em história da psicologia em Minas Gerais (Denise Nepomuceno - Fae/UFMG)

6) **História da psicologia no Brasil:**

Coordenação: Érika Lourenço (UNIPAC-Barbacena e Fae/UFMG)

- Fé e psicologia: as novas relações da igreja com a ciência no período da Primeira República (Ana Maria Jacó-Vilela, Marcela Peralva Aguiar, André Luiz da Conceição Fabrício (UERJ)
- Memória da psicologia em São Paulo (Carmem Sílvia Rotodando Taverna - PUC-SP)

- A psicologia no Maranhão: um pouco de sua história (Márcia Antonia Piedade Araújo - Univ. Federal do Maranhão)
- A obra de Aniela Ginsberg - contribuição à história da psicologia social no Brasil (Mônica Leopardi Bosco de Azevedo - PUC-SP)

7) Prevenção e saúde mental:

Coordenação: Ana Charnizon (Fae/UFMG)

- Entre a imagem e a escrita: o sujeito (Jeanne D'Arc Carvalho- FUMEC-MG)
- A dimensão lúdica da literatura infantil aplicada à Educação Especial (Maria Marly Lopes Assis, Maria Aparecida Arruda, Elaine Cristina de Resende, Adriana Magalhães Veiga - UFSJ e APAE- São João Del Rey)
- O sintoma escolar em alunos de meios sociais favorecidos (Maria Luísa de Oliveira Salomon - Puc-Minas)
- O trabalho de Helena Antipoff com excepcionais: reflexões de suas implicações no atual movimento de inclusão escolar (Vivianne Menezes de Oliveira - Unicentro Newton Paiva/MG)
- Psicanálise e educação: uma investigação das queixas escolares (Margarete Pires do Couto - Newton Paiva/Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira)

Psicologia, Educação e Saúde Mental - História e atualidade

Conferências e Mesas-Redondas

O método clínico na teoria de Jean Piaget

Silvia Parrat-Dayan
Archives Jean Piaget
Universidade de Genebra

Todo estudo do desenvolvimento da criança está em relação com o método utilizado. O método clínico que caracteriza a perspectiva piagetiana ilustra a originalidade deste autor. O título do livro « Conversações livres com Piaget » descreve a essência do método clínico que consiste em pensar livremente. A importância do método na obra de Piaget para compreender os resultados e a interpretação dos resultados obtidos é fundamental. O método clínico e genético de Piaget se focaliza nas grandes questões do conhecimento e não na descrição detalhada das condutas particulares a cada nível de idade, sem ligação com os problemas fundamentais da psicologia. Piaget se interessou pela explicação genética e pelos mecanismos do desenvolvimento, e não unicamente pela descrição de resultados obtidos pelas crianças. O método clínico pretende assim ser explicativo.

Palavras-chave: Piaget/método clínico/epistemologia genética

Educação e Saúde mental: uma proposta Skinneriana

Sérgio Cirino

Faculdade de Educação
Universidade Federal de Minas Gerais

Na perspectiva filosófica Skinneriana os comportamentos são funcionalmente relacionados com o ambiente no qual o sujeito se comporta. A Análise do Comportamento é uma proposta científica de trabalho baseada em tal filosofia e pode ser encarada como uma alternativa às propostas psicológicas que estudam os fenômenos humanos a partir de entidades internas ao indivíduo. Ao empreender um estudo do comportamento, portanto, há que se identificar as relações funcionais estabelecidas nas diferentes contingências de reforçamento. São apresentadas, brevemente, discussões relativas a dois campos de estudos, a saber, o da Educação e o da Saúde mental. Apesar de distintos, os dois campos são passíveis de um tratamento conjunto porque a ênfase da análise não recai sobre os campos em si mas, antes, sobre o comportamento do sujeito em questão. Tanto na Educação quanto na Saúde mental, o que se observa, numa orientação skinneriana são as relações funcionais que os sujeitos estabelecem com o ambiente. Para a Análise do Comportamento não há, por exemplo, uma psicopatologia baseada em elementos estruturais. Em vez de se empenhar no estudo da Psicose, o analista do comportamento focalizará uma dada classe de comportamentos que pode ser classificada ou não como psicótica. A classificação dos comportamentos dependerá, necessariamente, das suas relações funcionais com o ambiente, das contingências de reforçamento históricas e atuais às quais o sujeito foi exposto. O fato de um comportamento ser chamado de psicótico não confere a ele nenhum *status* especial. O mesmo pode ser dito para um comportamento classificado como neurótico, como obsessivo-compulsivo, como histérico etc. De forma análoga, para Análise do Comportamento, também não há uma classificação de Distúrbios de aprendizagem. O que se tem são relações funcionais baseadas em contingências de reforçamento - arrançadas especialmente para a situação de educação - que se traduzem em comportamentos educativos. Em vez de se empenhar no estudo dos distúrbios de aprendizagem, o analista do comportamento terá como foco o comportamento. Um aluno pode, eventualmente, ser mais lento que outros em sua sala, no entanto a análise não será embasada na sua lentidão em aprender mas, antes, nas contingências de reforçamento que constituem a situação como tal. Assim, tanto o campo de estudo da Saúde mental quanto o da Educação são, em última instância, casos especiais de estudos comportamentais e a proposta da Análise do Comportamento se apresenta como uma via, legítima, de investigação e intervenção. O objetivo do presente texto é o de apresentar o modelo Skinneriano de análise para subsidiar futuras discussões relativas ao campo da Educação e da Saúde mental.

Palavras-chave: Análise do Comportamento; Educação; Saúde mental

Desconstruindo Mitos Sobre a Criança Epiléptica: Aspectos Psicológicos, Sociais e Educacionais.

Sebastião Rogério Gois Moreira
Universidade do Estado de Minas Gerais
Instituto Superior Anísio Teixeira
UTRAMIG

Os preconceitos que envolveram os epilépticos por milhares de anos, ainda hoje, se fazem presentes em nossa sociedade. Apesar de importantes avanços apresentados na neurociência, no que diz respeito ao diagnóstico e ao tratamento de epilépticos, observa-se, em geral, que a presença do indivíduo com essa afecção evidencia problemas sociais em vários segmentos, seja entre amigos, no ambiente profissional ou na escola. As diferentes maneiras da manifestação epiléptica causam, conseqüentemente, reações diferenciadas, tanto nos epilépticos como no meio social em que vivem. Não cabe neste trabalho discutir aspectos neurofisiológicos ou clínicos sobre a síndrome. Propomos tratar apenas de questões de natureza psicológica, social e com mais abrangência dos aspectos educacionais da criança epiléptica. A escola pouco tem contribuído para o abrandamento das dificuldades apresentadas pela criança epiléptica, sendo convergentes os procedimentos didáticos pedagógicos, no processo de ensino e aprendizagem. Embora possam aprender tanto quanto as outras, os fatores psicológicos, sociais e educacionais poderão agravar ou atenuar a aprendizagem. Entretanto, educadores apresentam baixas expectativas e pouca confiança na capacidade deste aluno, somando ao preconceitos sobre ele, devido a falta de informações essenciais sobre a doença, o sobre seu portador. Assim como os deficientes, os epilépticos estão fadados a serem discriminados, chegando-se a crer que eles devam apresentar deficiências mentais ou mesmo distúrbios psicológicos graves. Nesse contexto, podemos afirmar que os epilépticos, além de terem que conviver com os temores próprios de sua doença, têm que enfrentar, também, dificuldades existentes nos mais diferentes segmentos sociais.

Especialistas em educação especial

Daniel Antipoff

Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff

Generalizações entre nós constituem um hábito bastante freqüente na sociedade em que vivemos. Correspondem a idéias pré-concebidas, que soltamos facilmente, talvez por vaidade e mais ainda por comodismo. Assim, não se tem o trabalho de se aprofundar, embora dando a impressão de ser pessoa atualizada.

Na verdade, repetimos opiniões enraizadas por várias gerações, sem maior comprovação, como está acontecendo no presente momento, numa discussão entre estudantes. Com efeito, trata-se de um jovem que aspira a seguir o curso de pedagogia. Está interessado em dedicar-se à educação de crianças deficientes. Soube ultimamente e logo entusiasmou-se com a criação de um novo setor do Ministério da Educação chamado Educação Especial, que já no próximo ano, iniciaria um curso com a participação de mestres estrangeiros. Este estudante, baseado na avaliação de seu próprio caráter, queria fazer coincidi-la melhor possível à estrutura do curso, anunciado como uma filosofia de ampla abrangência.

Disseram-lhe que além das áreas pedagógicas em funcionamento desde a época do Império, no Rio de Janeiro, o Instituto Benjamin Constant, para os deficientes visuais, o Instituto para Surdos, nas Laranjeiras e um departamento para os deficientes físicos; outras áreas para deficientes estavam sendo estruturadas.

A inovação estava sendo introduzida em 1971, em Brasília pelo Ministro Jarbas Passarinho, a pedido de um grupo de professores, entre os quais a psicóloga Helena Antipoff. Consistiu na criação de um Centro Nacional de Educação Especial – CENESP, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, para atendimento a mais quatro áreas da Educação Especial, a saber, área dos Deficientes Mentais, destinada a adolescentes com Problemas de Conduta, outra para os Pluri-Deficientes e área especial para os “Superdotados”, assim batizados, pelo Ministro Passarinho, embora Helena Antipoff, com os seus 80 anos de idade, se permitiu sugerir a denominação de BEM DOTADOS, menos pomposa e que seria melhor aceita, tanto pelos próprios Talentosos como pelas mestras, que certamente não se julgariam “Super-Mestras”, sobretudo tratando-se de Superdotadas no meio rural brasileiro, ainda tão atrasado pedagogicamente falando.

Mas voltando as nossas generalizações do início do nosso artigo, ao tratarmos de candidatos aos cursos de pedagogia ou psico-pedagogia, preconizados, como atribuição ao CENESP, surgiu uma dúvida: um único seria suficiente para sete áreas de comprometimento biológico e deficiências? Deram a seguinte explicação: Por enquanto não cogitamos em definir a amplitude de cada área. O primeiro curso, objeto do projeto inicial, se limitaria a noções gerais do que seja a Educação Especial.

Realmente, à primeira vista, parece impossível solicitar, ao mesmo professor, orientar simultaneamente crianças deficientes mentais, ao lado de superdotados. Mesmo reunindo todas as áreas citadas acima, verifica-se que o atendimento a “retardados” ou Excepcionais, como os “batizou” Helena Antipoff, em conjunto com os grupos de Superdotados seria desastroso, tanto pelas crianças reunidas, como pela “Mestra”, sem maiores pretensões intelectuais para ser chamada de “Super-Mestra”.

Vejamos agora, num confronto entre Deficientes Mentais e Bem Dotados, como seria enfrentado um caso de indisciplina? (Exemplo A)

Em relação ao Excepcional – A1, em função da tendência ao preconceito generalizado de complacência da parte do adulto, a Mestraalaria num tom de ternura e perdão.

A2 – Para o Bem Dotado, chamado também de Talentoso, sendo ele considerado um privilegiado, na opinião do leigo, que o condena abertamente pela sua falta de disciplina.

A3 – Hoje os educadores em contato com os Talentosos, são ensinados a sugerir apenas, evitando dar ordens. O jovem sentindo-se respeitado pelo adulto, aceitará debater com interesse e proveito os problemas da adolescência.

Outras particularidades próprias a infra-dotados e diferentes em Talentosos:

B) Sabemos que os infra-dotados apreciam repetir muitas vezes o mesmo brinquedo: os Talentosos rejeitam a repetição, querem novidades.

c) Os débeis preferem atividades práticas, são os “trabalhos manuais” e de oficina, de resultados imediatos; como os talentosos se interessam mais pensando em seu futuro ou em temas filosóficos.

d) O deficiente pede ajuda; o talentoso mostra independência. Tem senso de iniciativa.

e) O infradotado só produz em classe pequena; os talentosos aceitam salas cheias e de muita gente, como nos exames Vestibulares.

f) Os deficientes brincam com crianças menores do que eles; os talentosos aproximam-se dos mais velhos.

Nestes exemplos de confronto, observamos que cada área da Educação Especial merece um tipo específico de educador, provido, não apenas de conhecimentos diferenciados, mas sobretudo de recursos em termos de personalidade.

Assim cremos interessante e útil, um prévio estudo estatístico das particularidades exigidas por parte do educador em cada uma das áreas escolhidas, verificando a grande diversidade de situações ao enfrentar o novo *metier* do psicopedagogo.

Saúde Mental na Bahia no século XIX: o que nos contam as teses da FAMED

Nádia Maria Dourado Rocha

Faculdade Ruy Barbosa

Salvador, Bahia

A questão da saúde mental vem ocupando profissionais há bastante tempo, antes mesmo da existência de uma investigação científica. Com o propósito de identificar tal preocupação na Bahia oitocentista, foram investigadas, em teses apresentadas à Faculdade de Medicina da Bahia no período de 1845 a 1900, a indicação de fatores que, no entendimento dos concluintes do curso de Medicina, contribuíam para o “adoecer” mental, bem como aqueles apontados como importantes para a sua manutenção. Foram trabalhadas seis teses: *Influência da civilização sobre o desenvolvimento das afecções nervosas*, da autoria de Cid Emiliano de Olinda Cardoso (1857); *A influência do celibato sobre a saúde do homem*, apresentada por Francisco Borges de Barros (1869); *Qual o papel que desempenha a civilização no desenvolvimento de moléstias mentais* de Guarino Aloysio Ferreira Freire (1886); *Neurasthenia*, de Bonifácio Ponce de Leão Castro (1889); *Do tabagismo e sua influencia sobre a mentalidade* de José Xavier Coelho (1889) e *Alcoolismo e involução humana: repressão e prophylaxia do alcoolismo* de Adriano Augusto de Araújo Jorge Filho (1900). Nas teses foram encontradas referências a 20 fatores predisponentes à “não-saúde” mental. Destes, destacam-se, com indicação em três dos trabalhos: alcoolismo, tabagismo, progresso, o exercício de profissões liberais e o excesso de trabalho intelectual. São exemplos das colocações: *O alcoolismo provoca alienação mental, gerando conseqüências não só no alcoólatra mas também nos seus descendentes* (Jorge Filho, 1900); *o tabagismo modifica as faculdades intelectuais do homem, e como conseqüência, as suas relações sociais* (Coelho, 1889); *O progresso da civilização ocasiona o aumento do número de loucos* Cardoso (1857); *As profissões liberais geram preocupações, agitação, idéias fixas de riqueza, e que tem como conseqüências hipocondria, alienação mental, palpitações do coração...* (Cardoso, 1857); *a excessiva utilização das capacidades intelectuais e também da imaginação, podem levar o indivíduo a um amolecimento cerebral, hipocondria, paralisia geral e loucura* (Freire, 1886). Barros (1869), Coelho (1889) e Jorge Filho (1900), apontaram apenas um fator, respectivamente. Foram eles: o celibato, o tabagismo e o alcoolismo, todos temas centrais em suas teses Castro (1889), indicou três: o progresso, o exercício das profissões liberais e o trabalho intelectual em excesso. Freire (1886) indicou nove agentes de “não saúde” dentre os quais: casamentos consangüíneos, prostituição e paixões em geral. Cardoso (1857) arrolou 17 fatores que complicam a saúde mental - além de ter sido o único a relacionar os quatro mais freqüentes, acusou também: bailes, banhos voluptuosos, perfumes, envolvimento com governo e política, o uso de espartilhos e saias balão,

leitos macios, o onanismo.... Como propiciadores de equilíbrio mental foram apontados apenas a religião católica e o casamento, segundo as normas legais, lembrados, respectivamente por Cardoso (1857) e Barros (1869). O primeiro afirma: *a religião católica, pura e eterna, é um poderoso preventivo para as diversas afecções nervosas*. Para o segundo, *o casamento é necessário ao equilíbrio das funções orgânicas e faculdades intelectuais*. É interessante verificar que vários das circunstâncias apontadas como “complicadoras” da saúde mental continuam atuais – é o caso, principalmente, do alcoolismo. Várias outras questões estão presentes no imaginário popular, a exemplo do trabalho intelectual excessivo. Poderíamos pensar que ocorreu transformação quanto à concepção dos fatores que promovem a saúde mental, vez que, certamente hoje não há unanimidade quanto a relevância dos dois fatores apontados.

Arthur Ramos, Psicologia, Saúde e Educação no governo Vargas

Ana Maria Jacó-Vilela

Núcleo Clio-Psyché

Pós-graduação em Psicologia Social

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O início do século XX encontra a intelectualidade brasileira vivendo um certo “espírito da época” em que se entendia que a construção de um “nação brasileira” ia além da constituição de uma geografia e de uma história, mas necessitava da especificação do que seria a identidade “do brasileiro”, a construção de uma identidade nacional a partir da qual se constituiria a nação, com todos amalgamados a ela. Nos anos 30, contudo, a urbanização acelerada, a industrialização cada vez mais presente, enfim, a modernização de hábitos e costumes trás consigo maior refinamento da divisão de trabalho, o labor intelectual também se especializando. Neste processo, os médicos que até então eram “intelectuais orgânicos” de uma sociedade em transição, tornam-se um pouco mais especialistas. Um dos principais nomes desta fase intermediária é Arthur Ramos, reconhecido como um pais “pais fundadores” da Antropologia brasileira e cuja importante contribuição à Psicologia é quase completamente desconhecida. Conforme um de seus biógrafos (Schreiner, 2000), ele representa uma geração de pensadores que não só discute os problemas nacionais, mas assume “uma postura pragmática diante dos problemas de ‘inferioridade psicológica’ e ‘primitivismo cultural’ que identificava como obstáculos a uma suposta evolução necessária à sociedade brasileira” (p. 2). Assim, em seu livro publicado em 1936 sob o título de “Introdução à Psicologia Social”, Arthur Ramos aponta no prefácio, de forma inequívoca, sua filiação à vertente da intelectualidade preocupada com o processo civilizatório do Brasil, ao explicar que incluiu no livro temas que lhe pareciam passíveis de aplicação na resolução de “problemas brasileiros”. Também se detém nos temas dos desajustamentos infantis no lar e na escola, sendo com relação à infância sua principal contribuição teórico-prática. Com efeito, assiste-se, no governo Vargas, a um esforço em prol da educação da criança, percebida como “o homem de amanhã” e, em consequência, “o futuro da nação”. É principalmente ao seu redor que se concretiza, nos anos trinta, o projeto de reforma social do Brasil. Arthur Ramos é nomeado, por Anísio Teixeira, chefe da Seção Técnica de Ortofrenia e Higiene Mental da Divisão de Pesquisas Educacionais (esta é dirigida então por Teixeira). Neste setor se inserem os programas de higiene mental nas escolas nos anos trinta, e Arthur Ramos os complexifica, neles introduzindo interpretações psicossociais na discussão das causas dos problemas médico-psicológicos dos escolares difíceis. Esta experiência no Setor de Ortofrenia e Higiene Mental se apresenta concretamente em seu livro de Psicologia Social como não só uma possibilidade de diversas investigações mas, principalmente, um grande campo de pesquisas, sempre comparativas e examinando as realidades sociais concretas. Assim, o SOHM poderia realizar *indagações sobre a vida extraclasse da criança, no sentido de estabelecer uma psicologia diferencial da criança da cidade e da criança das praias; da criança dos*

morros; dos níveis de vida e das condições ambientais da criança que mora em casa individual e casa coletiva; em apartamentos ou casa de cômodos; em 'avenidas, 'cortiços' e 'favelas' (A. Ramos, 1936, capítulo 16). Neste ano em que se comemoram os cem anos de nascimento de Arthur Ramos, considero importante o resgate de sua atuação no campo da Educação e da Saúde, para que seu nome não fique, mais uma vez, restrito à área da Antropologia.

SESSÕES DE COMUNICAÇÕES COORDENADAS

Sessão de Comunicações Coordenadas

Formação de psicólogos e educadores

As Representações Sociais da Aprendizagem Docente

Ana Cláudia Lopes Chequer Saraiva

Universidade Federal de Viçosa

Regina Helena de Freitas Campos

Faculdade de Educação

Universidade Federal de Minas Gerais

Este trabalho integra a dissertação de mestrado Representações Sociais da Aprendizagem Docente por Professores Universitários. Reconhecendo o professor como um ator social que partilha, em sua prática educativa, experiências de aprendizagem, na condição de mediador do processo pedagógico, e sua historicidade no contínuo processo de formação, o estudo dialoga com a teoria das representações sociais, na ótica de Moscovici, explorando as representações sociais da aprendizagem docente construídas por professores universitários. O "locus investigativo" é a Universidade Federal de Viçosa, envolvendo os cursos de Direito, Matemática e Pedagogia. Como instrumentos de coleta de dados, utilizam-se as técnicas de "associação livre" e "escolhas sucessivas hierarquizadas" (Abric, 1994), bem como entrevistas semi-estruturadas. Os resultados preliminares indicam sete categorias temáticas identificadas no discurso dos professores, associadas à aprendizagem docente, com seus respectivos indicadores: conceito (designação), condicionantes (determinantes), relevância (importância), contexto (cotidiano), experiências significativas (memória, história, referenciais), instâncias facilitadoras (viabilizadores) e instâncias dificultadoras (entraves). Infere-se, ainda que os docentes dos três grupos entrevistados elaboram teorias sobre sua própria aprendizagem baseadas em elementos diferentes. Os docentes do Curso de Direito privilegiam as noções de esforço, estudo e desenvolvimento, aproximando-se de uma teoria pedagógica baseada na idéia de esforço, muito estudo, etc. Os docentes do Curso de Matemática enfatizam as noções de interesse, organização e método, o que indica sua adesão a uma pedagogia baseada na idéia de método. Já os docentes do Curso de Pedagogia referem-se a seu processo de aprendizagem através das noções de interação, prazer e conhecimento, indicando a presença de uma teoria pedagógica que enfatiza o dinamismo das trocas interpessoais e o prazer do conhecimento. Estes resultados evidenciam que a dedicação a diferentes disciplinas científicas engendra variações nas formas de conceber os processos de apropriação do conhecimento entre professores universitários. Na análise das entrevistas, serão explorados mais amplamente os significados atribuídos por cada um dos grupos a essas diferentes inspirações pedagógicas.

Palavras-chave: representações, aprendizagem, docentes

Estudo do Perfil de Alunos Egressos do Curso de Psicologia da Universidade São Marcos: Reflexões Acerca da Formação de Psicólogos

Carmem Silvia Rotondano Taverna.
Universidade São Marcos/São Paulo

A pesquisa teve origem na prática da pesquisadora enquanto docente do curso de psicologia e em suas reflexões acerca da importância dessa área de conhecimento, das contribuições do currículo para a prática profissional, da exigência atual do mercado de trabalho e, principalmente, da demanda social para o trabalho em psicologia. Na perspectiva de realizar um estudo mais aprofundado sobre a formação no curso de psicologia, algumas hipóteses se delinearam. Primeiro, com respeito à revisão e integração dos programas das disciplinas do curso que não garantiriam uma mudança fundamental no currículo e conseqüentemente na formação do psicólogo. Os reparos realizados aconteciam no contexto do currículo mínimo estabelecido quando da regulamentação da profissão e passavam ao largo da revisão crítica dos conceitos tradicionais e seus conteúdos ideológicos. Além disso, a ausência de articulação entre atividades práticas e teóricas no programa de algumas disciplinas, aumentava a defasagem do curso em relação à realidade social atual, não oportunizando o conhecimento dessa realidade e impedindo a preparação do estudante no enfrentamento das novas demandas; conseqüentemente, dificultava ou mesmo impossibilitava o cumprimento do papel social do profissional, com vistas ao atendimento das necessidades da maioria da população brasileira.

Assim, definiu-se o objetivo da pesquisa: retratar o perfil dos alunos egressos do Curso de Psicologia da Universidade São Marcos/SP, abrangendo o período de 1992 a 1994. Mais especificamente definiu-se por propósito compreender a prática profissional da população pesquisada, sua inserção no mercado de trabalho; sua avaliação do curso que freqüentaram, na perspectiva de oferecer pistas reais para a avaliação do programa curricular.

Alguns aspectos da História do Ensino Superior no Brasil e a História do Ensino e da Profissão da Psicologia no Brasil foram resgatados e constituíram o contexto de análise neste estudo, considerando-se serem de fundamental importância para a compreensão das forças políticas que participaram da determinação do contexto atual da universidade e, especificamente, do curso de psicologia.

Os dados foram coletados em duas etapas. Da primeira, participaram 72 sujeitos, 15.25% da população total, que responderam um questionário composto por três itens principais: identificação pessoal – nome endereço, idade, estado civil; exercício da profissão – área de atuação, cargo, função, tempo de trabalho na área, dificuldades encontradas; e estudos – outra graduação, motivos da escolha por psicologia, pela universidade, turno em que estudou, disciplinas

que mais interessaram e justificativas, opção por maior carga horária de estágio no último ano, estágios que mais interessaram, qual alteração faria no currículo, se fazia terapia enquanto estudante, em qual abordagem e estudos posteriores. Com o objetivo de aprofundar qualitativamente temas significativos levantados no questionário, na segunda etapa da coleta de dados foi realizada uma entrevista coletiva semi-dirigida, coordenada pela pesquisadora, que abordou: a psicologia no Brasil hoje (entrevista realizada em 12/12/96) nos aspectos referentes à importância dessa área de conhecimento, campo de atuação e função social do psicólogo; limites e potencialidades da psicologia para atuar sobre os problemas da sociedade brasileira; e, perspectivas para a atuação do psicólogo. Participaram dessa etapa cinco sujeitos de um total de sete escolhidos, representando as diferentes áreas de atuação do psicólogo – empresa, consultório, instituições educacionais e ensino de psicologia – avaliados a partir do questionário, como capazes de identificar a demanda social para o trabalho em psicologia e de, criticamente refletir sobre a formação profissional e as condições do mercado de trabalho.

Os resultados revelaram que os sujeitos em sua maioria reconheciam como psicólogo o profissional que se dedicava à psicologia clínica, fundamentada no modelo "clássico"; que pensava a partir de uma perspectiva individual de homem e acreditava na eficácia e na força do interesse e esforço pessoal para conquistar seu lugar na sociedade; estava preocupada com suas necessidades e emergências, desprezando a perspectiva social da ciência e o contexto político e econômico em que vivíamos. A imagem social do psicólogo como um profissional liberal ainda era dominante apesar dos novos desafios postos pela sociedade contemporânea. A oportunidade de refletir na entrevista coletiva sobre essas questões sinalizou a necessidade de se criar condições para a reflexão e buscar alternativas para a formação e atuação do profissional. Assim, as hipóteses delineadas inicialmente puderam ser comprovadas. Mesmo reconhecendo os limites das instituições, pareceu ser imprescindível existir discussões sobre as bases da ciência e da profissão de psicólogo, o enfrentamento crítico dos conceitos tradicionais e os conteúdos ideológicos hegemônicos. Desse modo, o curso de psicologia poderia dar atenção especial ao conhecimento de base da ciência, aos seus fundamentos que constituem o sustentáculo e que oferecem a solidez teórica para que o profissional, mais seguro, possa reconhecer-se enquanto psicólogo, na diversidade de opções que o campo de trabalho vem apresentando, configurando-se como um lugar de reflexão das questões emergentes da psicologia.

Palavras-chave: formação de psicólogos; avaliação; história da psicologia.

Centro de Valorização da Vida: fundação e expansão do seu serviço voluntário de ajuda psicológica durante a segunda metade do século XX

André Barreto Prudente

Marina Massimi

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Universidade São Paulo - Ribeirão Preto

Esta pesquisa envolve a análise de 321 Boletins produzidos entre os anos de 1966 e 2000 pelo Centro de Valorização da Vida – organização não governamental que trabalha com a doação de amizade e a prevenção de suicídio através de atendimentos por telefone, pessoalmente e por carta. Esta instituição foi criada em fevereiro de 1962 como parte da Campanha de Valorização da Vida, tendo, em 1965, adquirido personalidade jurídica e se transformado em Centro, e até hoje realiza atividade voluntária de ajuda. Atualmente o CVV (como é conhecido no senso comum) apresenta mais de 40 postos espalhados pelo Brasil. Os Boletins, desde o seu primeiro número publicado, tinham como objetivos garantir a comunicação entre os diversos postos e ser espaço de expressão dos voluntários e informativo de estudos e pesquisas (referentes ao suicídio, à valorização da vida, e aos métodos de ajuda utilizados no trabalho de atendimento realizado pelos plantonistas do CVV) e das atividades da instituição. O principal objetivo desta pesquisa é identificar, cronologicamente, as atividades realizadas pelo CVV, e relatadas neste material, que mostram como foi acontecendo o processo de expansão da atuação desta entidade junto à sociedade brasileira desde o momento de sua fundação. A metodologia utilizada coloca-se no âmbito da Historiografia da Psicologia e consiste em: 1. leitura dos 321 boletins buscando identificar quais partes dele relatavam as atividades que o CVV estava realizando no período respectivo à publicação de cada número deste órgão informativo; 2. estudo de fontes secundárias básicas para compreender como aconteceu a fundação do CVV e quais as suas funções junto à comunidade; 3. análise dos boletins e construção de uma cronologia sobre o processo de expansão do CVV a partir das atividades relatadas nos boletins investigados. Evidenciou-se que durante a segunda metade do século XX foram sendo abertos novos postos do CVV ao longo do Brasil e que cada um deles foi utilizando uma grande variedade de recursos para arrecadar fundos para sua manutenção, divulgar seus trabalhos e arregimentar novos voluntários, tais como: 1. publicação de entrevistas, matérias, anúncios e mensagens sobre seus trabalhos e sobre o CVV em jornais, boletins de empresas, rádios, televisão, extratos bancários, contas de Luz e telefone; 2. realização de eventos e promoções como a Festa do Sorvete, a Noite da Pizza e a Semana de Valorização da Vida; 3) Realização de palestras (sobre temas como A Proposta do CVV, Histórico do CVV, o trabalho do CVV, Depressão, Suicídio, Solidão, Valorização da Vida) em escolas de 1º e 2º graus, em Faculdades e Universidades, em empresas, em reuniões de Rotary Clubs; 4. participação dos voluntários – como palestrantes e/ou debatedores convidados - em congressos

científicos de psiquiatria e psicologia e debates a respeito de temas como o suicídio e a saúde mental. Também foi observado que durante o período investigado alguns destes postos desenvolveram obras sociais relevantes para a atuação da psicologia e da psiquiatria junto à comunidade, como a Clínica de Repouso Francisca Júlia construída em São José dos Campos-SP para abrigar doentes mentais - incluindo toxicômanos - sem recursos. Desse modo, a cronologia elaborada a partir dos boletins mostra que o Centro de Valorização da Vida, no decorrer da segunda metade do século XX, foi expandindo seus locais de atuação, deixando de ser uma instituição restrita à cidade de São Paulo e passando a realizar a ajuda psicológica em várias capitais e cidades do Brasil.

Palavras-chave: História da Psicologia; Ajuda Psicológica; Psicologia e Comunidade

A Herança de Aniela Meyer-Ginsberg: promovendo a Psicologia no Brasil (Vídeo Documentário)

Mônica Leopardi Bosco de Azevedo

Núcleo de Estudos em História da Psicologia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Fundação Aniela e Tadeusz Ginsberg

Defendida em maio de 2002, a tese de doutorado "A obra de Aniela Meyer-Ginsberg: uma contribuição para a história da Psicologia Social no Brasil" nos conduziu a outros desmembramentos possíveis. Um deles é o vídeo documentário realizado, dado que a autora também compõe o Grupo de Trabalho *História e Memória da Psicologia*, grupo este criado em 1999 no CRP-06, que acompanhou e coordenou a execução de quatro vídeos documentários. O principal objetivo desses vídeos é o de registrar a trajetória dos psicólogos pioneiros paulistas, como forma de preservar a memória da profissão e colaborar na construção da identidade dessa categoria profissional.

Com experiência prévia nesse tipo de pesquisa e trabalho, já que a autora, em parceria com Maria Fernanda Costa Waeny, coordenou e foi pesquisadora responsável pelo vídeo documentário "Pioneiro da Psicologia do Esporte: João Carvalhaes", um dos quatro vídeos componentes do conjunto realizado pelo Grupo de Trabalho supra citado, Mônica Leopardi Bosco Azevedo responsabiliza-se agora pela coordenação do registro, em forma de fita VHS, da vida, obra e legado de Aniela Meyer-Ginsberg. Oportunamente, acontece também em 2002, época em que a pesquisadora, através da Fundação Aniela e Tadeusz Ginsberg encaminha ao CRP-06 a proposta da realização do vídeo em questão, a comemoração do centenário de nascimento de Doutora Aniela, mais uma razão para a realização do documentário.

Para tanto, duas frentes de pesquisa foram acionadas: uma que se refere à história pessoal dessa psicóloga (contada a partir de depoimentos de colegas de trabalho e amigos, como também através da análise de documentos que compõem o inventário da mesma) e outra vinculada ao seu percurso profissional e acadêmico, onde foram destacados temas específicos tais como: atuação em diversas instituições onde o serviço de psicologia se dava predominantemente através da psicologia aplicada, sua marcante participação em congressos nacionais e internacionais com apresentação de resultados de pesquisa, seu envolvimento com projetos de pesquisa inter e intra culturais, dialogando sempre com outras áreas das ciências humanas, sociais e biológicas, sua participação e responsabilidade frente à criação do curso de pós graduação em Psicologia Social da PUC-SP. Relativo ainda à essa segunda frente, ouviu-se alunos que usufruíram de prêmios e bolsas concedidos pela Fundação Aniela e Tadeusz Ginsberg, herança

deixada pela psicóloga, com objetivo de fornecer oportunidade de pesquisa e bolsa de estudo a alunos do curso de Psicologia da PUC-SP carentes.

Além da análise realizada sobre a obra escrita publicada pela psicóloga em ocasião do doutoramento, a pesquisadora colaborou para que o roteirista compreendesse quem foi e o que fez esta psicóloga em São Paulo. Para isto, fez a transcrição da única entrevista gravada em áudio da personagem e dela selecionou trechos que considerou importantes para comporem o vídeo; selecionou manuscritos que ilustrariam o material, como também selecionou material publicado (capa de livros, capítulos e artigos publicados) e também trechos de artigos publicados para serem incorporados ao registro. O arquivo iconográfico de Doutora Aniela, composto por fotografias e cartões postais foi catalogado e dele selecionadas diversas fotos, imprescindíveis quando da edição do material. Os discos encontrados no arquivo pessoal do casal foram gravados em vitrola antiga, capaz de reproduzir discos em 33 rpm e 78 rpm, a fim de comporem a trilha sonora do vídeo.

Junto com a atual diretora da Fundação Aniela e Tadeusz Ginsberg e com a coordenadora e colegas do Núcleo de Estudos em História da Psicologia, a pesquisadora sugeriu alterações na edição do vídeo final, a fim de corrigir e contemplar informações imprecisas e/ou inexistentes, ou mesmo de complementar dados tratados no documentário considerados imprescindíveis para a compreensão sobre quem foi Doutora Aniela na Psicologia.

Palavras-chave: História da Psicologia Social, Psicologia, Aniela Meyer-Ginsberg

Sessão de Comunicações Coordenadas

Saúde Mental e Psicologia

Medidas Oficiais para a Proteção à infância e à família: Um Estudo da Legislação Federal e outros textos, entre 1890 e 1945.

Ana Laura Godinho Lima

Centro Universitário Ibero-Americano, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Flávia Sílvia Rodrigues

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Nesta comunicação examinam-se documentos da legislação federal e outros textos sobre a proteção à infância e à família, no período compreendido entre 1890 e 1945. Busca-se descrever as transformações nas maneiras como o Estado procurou, direta ou indiretamente, governar a família, mediante a identificação das providências relativas às crianças e aos seus pais. Além disso, investiga-se em textos especializados, quais eram as preocupações dos educadores e outros profissionais em relação a esse tema e quais as recomendações formuladas por esses especialistas para a proteção da família, considerada como a unidade social básica.

Este trabalho constitui um desdobramento das pesquisas intituladas “*Saberes e Recomendações para a Educação da ‘Criança-Problema’: um estudo da literatura educacional e da legislação nas décadas de 1930 a 1960*” (Godinho Lima, CAPES/Fulbright, 2000) e “*Dimensões educativas das normas e saberes acerca das crianças em risco em São Paulo – a literatura e a legislação entre 1890 e 1930*” (Rodrigues, CNPq, 2002). Estas investigações inserem-se, por sua vez, no âmbito do projeto luso-brasileiro “*Estudos Comparativos sobre a Escola: Brasil e Portugal (séculos XIX e XX)*” (CAPES-ICCTI, 2000) para o programa de pesquisas do grupo PRESTIGE, em seu ramo português, que busca elaborar uma “*análise histórica comparada da ‘escola de massas’ nos países lusófonos e europeus (1880-1960)*”. As pesquisas realizadas distribuem-se por quatro eixos temáticos: “alunos”, que é o eixo ao qual nos filiamos e que procura compreender a maneira como os alunos foram ‘inventados’ (construídos, categorizados, classificados etc.) pela escola, a maneira como a escola de massas transformou as crianças em alunos; “professores”; “conhecimento escolar” e “conhecimento pedagógico”. (Nóvoa, 1998, p. 10)

Empregam-se nessa análise os conceitos de “governamentalidade”, “bio-poder” e “tecnologias do ser”, tais como formulados por Foucault e utilizados em análises posteriores por diversos autores, como Thomas Popkewitz e Jorge Ramos do Ó, no campo educacional; Nikolas Rose, no campo da psicologia e da política e Mitchel Dean, também no domínio político, entre outros. Além disso, a investigação remete-se ainda a textos de Donzelot sobre a promoção do domínio social e o governo através da família.

Como uma tentativa de identificar diferenças importantes que foram surgindo ao longo do período considerado, pode-se propor a sua divisão em duas fases: o período de transição entre o

Império e a Primeira República, marcado pela assistência higiênica ou científica e o período da assistência social, a partir da década de trinta do século XX.

A partir da última metade do século XIX, foram introduzidas no Brasil as teorias raciais européias, que viam com pessimismo a miscigenação dos povos colonizados. Sívio Romero (1851-1914), “*abolicionista, republicano, evolucionista e imigrantista*” foi um dos representantes do grupo intelectual brasileiro influenciado por essa linha de pensamento. Bacharel pela Faculdade de Direito de Recife, referia-se a Spencer e Darwin, entre outros, como sendo seus mestres e defendia o “branqueamento” gradativo da população como a única alternativa para o progresso do Brasil (Patto, 1993, p. 66). Neste período, uma das grandes preocupações dos médicos e higienistas era salvar as crianças da morte prematura, mediante a divulgação de práticas higiênicas, tais como a defesa do aleitamento materno e as grandes vacinações.

O Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro (IPAI-RJ) foi uma entidade importante criada nesta época. Fundado pelo médico e filantropo Arthur Moncorvo Filho, em 24 de março de 1899, em 1929 já possuía 22 filiais em todo o país, 11 delas com creche. (Kuhlmann Jr., 1998). As “Gotas de Leite”, instituições que, diariamente, distribuíam leite às mães para que essas alimentassem os seus filhos da maneira considerada mais saudável, também são exemplares da proteção praticada nesse período.

Ainda nessa primeira fase, é importante a criação, no âmbito da legislação federal, do “Regulamento de Proteção aos Menores Abandonados e Delinqüentes” (1923). Este documento criava o Juízo de Menores e, subordinado a este órgão, o Abrigo de Menores, para receber em caráter provisório os menores abandonados e delinqüentes. Instituiu ainda uma escola para oferecer educação física, moral, profissional e literária a meninas desprotegidas. Foi também nesse período que surgiu o primeiro Código de Menores (1927).

A partir dos anos trinta, é possível identificar na legislação federal uma série de incentivos ao casamento e à reprodução, bem como diversas medidas de proteção à infância e a família. Em 1939 é criada a Comissão Nacional de Proteção à Família, que deveria elaborar projetos de leis de proteção à família e o Estatuto da Família, documento que passaria a regular os casamentos, instituir o ‘abono familiar’ e criar outras formas de incentivo e de proteção às famílias. No mesmo ano, publicou-se pela primeira vez o livro **A Criança Problema: a higiene mental na escola primária**, em que Arthur Ramos apresenta um estudo dos problemas infantis a partir da sua experiência como diretor do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, que funcionou nos anos trinta no Distrito Federal. No prefácio da segunda edição desta obra, datado de 1947, o autor afirma que “*os problemas da criança só podem ser compreendidos no mundo atuante dos seus círculos de família e de sociedade.*” (p. 9).

Em 1940, o decreto-lei n. 2024, de 17/02/1940 “*Fixa as bases de proteção à maternidade, à infância e à adolescência em todo o país*” e cria, no âmbito do Ministério da Educação e da Saúde, o Departamento Nacional da Criança, como “*supremo órgão de coordenação de todas as atividades nacionais relativas à proteção à maternidade, à infância e à adolescência.*” (p. 74).

Como conclusão preliminar deste estudo, pode-se dizer que a proteção à infância e à família no Brasil funcionou, durante o primeiro período republicano, de acordo com um modelo predominantemente médico-higiênico e foi realizada de maneira dispersa, em instituições públicas e privadas. A partir de 1930 e durante o Estado Novo, verificou-se um movimento de centralização da assistência no âmbito do governo federal, mediante a criação de diversas instituições destinadas a esse fim específico.

Palavras-chave: história da infância, história da família, governo da infância.

Contribuições do “Brasil-Médico” para a psicologia atual

Ana Maria Jacó-Vilela
Antônio Carlos Cerezzo
Roberta Ferreira Domingues
Joane Jardim Dias
Núcleo Clio Psyché

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Entendendo a importância do estudo histórico como forma de compreender as práticas atuais e tornar as futuras mais proveitosas, julgamos necessário adotar um olhar ainda pouco comum na psicologia: investigar os facilitadores e entraves de sua autonomização como saber e prática sobre a subjetividade. Assim, tentamos desvendar o porquê do rumo dos acontecimentos, desnaturalizando os conhecimentos atuais e descobrindo aspectos ignorados, bem como o motivo do seu esquecimento. O presente trabalho está inserido em projeto que procura estudar o desenvolvimento da psicologia no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, desde a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil até a fase de regulamentação da profissão de psicólogo e dos cursos de psicologia. A partir de investigações iniciais, verificamos a importância de buscarmos um aprofundamento da discussão alma *versus* corpo, muito valorizada no século XIX e que se expressava principalmente através dos discursos de católicos e de médicos. Em relação à instituição médica, pretendemos analisar sua influência para a autonomização da psicologia, estabelecendo como recorte temporal o período compreendido entre a década de 1830, quando da criação da faculdade de medicina, e 1962, ano de regulamentação da profissão de psicólogo e dos cursos de psicologia no Brasil, respeitando, assim, o recorte maior da pesquisa. A metodologia empregada consiste no levantamento de fontes primárias e secundárias relativas ao campo médico: seus personagens, suas instituições e publicações. Num primeiro momento, investigamos as teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nesta oportunidade, apresentaremos trabalho sobre a análise do conteúdo presente em “O Brasil-Médico”, periódico de Medicina publicado semanalmente entre 1887 e 1954, quando então a revista se torna mensal. Este periódico, vinculado à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tem suas edições integralmente preservadas na Biblioteca da Academia Nacional de Medicina, razão pela qual a escolhemos para realizar a coleta de dados. Para o levantamento, estabelecemos como amostra as edições publicadas na última semana de cada mês no período de 1887 a 1930, catalogando os títulos que aparentemente apresentavam relação com a psicologia. Para cada um dos títulos catalogados foram atribuídas até três palavras-chave que possibilitaram a classificação dos artigos. Ao todo, foram identificados 698 títulos, que indicam a presença de conteúdo psicológico. A partir destas palavras-chave e de uma cautelosa revisão dos títulos catalogados, foi elaborada uma tabela de categorias e subcategorias, para possibilitar a organização dos artigos que serão lidos

posteriormente em busca de um levantamento sistemático do conteúdo psicológico presente na revista, e de sua relação com o contexto histórico-social. Como primeiros resultados, verificamos que o longo período em que a revista foi publicada semanalmente (67 anos) sugere sua aceitação entre os pares. Tal publicação tinha um objetivo didático, motivo pelo qual apresentava questões clínicas, retratando as descobertas médicas da época, apontando para a possibilidade de criação de uma medicina "nacional", em que os autores estrangeiros não mais imperariam sozinhos. Verificamos, também, que o fortalecimento da área de higiene pública a partir das primeiras décadas do século XX (correspondentes à fase da República Velha) é expresso no conteúdo da revista, voltada agora para uma grande importância na divulgação das campanhas de saneamento. Observa-se, também, que há uma presença significativa de artigos sobre a infância e sobre o que poderíamos denominar "ocorrências psíquicas", estas distribuídas em aspectos como: psicopatologia, diagnóstico e manifestações. Além disto, observa-se que exatamente em 1908 aparece pela primeira vez a palavra "Psicologia", através de apresentação da tese de Maurício de Medeiros, "Métodos em Psicologia", defendida em Paris junto a G. Dumas. A partir desta data, vários outros trabalhos sobre o tema são apresentados. Na continuidade deste trabalho, pretende-se realizar uma análise sistemática do pensamento psicológico presente nos ensaios e demais matérias da revista, e sua correlação com aquele que é apresentado nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. (CNPq, FAPERJ e UERJ)

Palavras-chave: História, Psicologia, Rio de Janeiro.

O Olhar Médico: Saúde Pública, Psicologia e Educação nas Teses da Faculdade de Medicina de Porto Alegre

Cristina Lhullier

Universidade de Caxias do Sul/Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto -
Universidade de São Paulo

A Faculdade de Medicina de Porto Alegre, fundada em 1898, destacou-se como uma das instituições de ensino superior responsável pela difusão dos conhecimentos psicológicos no Rio Grande do Sul no período anterior à criação dos cursos de Psicologia no estado. Este trabalho tem como objetivo examinar a relação existente entre as políticas de saúde pública e as teorias psicológicas e pedagógicas presentes no âmbito da Faculdade, através do exame dos conteúdos das teses produzidas pelos alunos desta instituição. As teses da Faculdade de Medicina eram trabalhos de conclusão de curso apresentados pelos alunos a fim de obterem o grau de Bacharel em Ciências Médicas, também chamadas de teses inaugurais. Sua elaboração foi obrigatória até 1930. O tema da tese poderia ser proposto pela banca examinadora ou escolhido livremente pelo aluno. Neste trabalho foram analisadas também teses de livre-docência e as teses de concurso a cátedras da Faculdade. Foi investigado o acervo de teses pertencente à Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atual detentora do acervo, elaboradas entre 1904, ano de formatura da primeira turma da faculdade, e 1950, quando se inicia o curso de especialização em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), embrião do curso de graduação criado na mesma universidade na década de 1960. A leitura das teses foi orientada pelos referenciais metodológicos da História das Ciências e da História das Ideias Psicológicas. Das teses pesquisadas, 47 continham alguma referência a conteúdos psicológicos. Destas, três teses abordam os temas da saúde pública e atenção ao desenvolvimento infantil no contexto escolar. São elas, "A defeza da saude publica no Rio Grande do Sul", de Emilio Kemp Larbeck (1916), "Desnutrição e nervosismo (Contribuição ao estudo)", de Pedro Azevedo Pereira (1929) e "Contribuição para a higiene escolar no estado do Rio Grande do Sul", de Poli Marcelino Espírito (1934). O primeiro destes trabalhos descreve a proposta de implantação de uma fiscalização sanitária nas escolas, a qual englobaria tanto aspectos físicos como psicológicos das crianças. Estas seriam avaliadas ao longo do ano escolar, a fim de se diagnosticar a presença de doenças como a sífilis e a tuberculose, bem como a identificação de deficiências mentais e outras "taras hereditárias". O autor se mostra preocupado com os efeitos dos maus hábitos dos pais na constituição física e psicológica dos filhos (teoria da degenerescência ou "terreno fértil" de Morel) e pretende preveni-los por meio de campanhas educativas dirigidas às crianças em idade escolar. Justifica tal atitude evocando "o caráter impressionável do cérebro infantil". Os Gabinetes de Higiene Escolar já são uma realidade no momento em que os dois últimos trabalhos são escritos. Ambos avaliam o trabalho dos médicos da

Inspeção Escolar do estado do Rio Grande do Sul como necessário ao bom andamento do processo educativo, pois estes profissionais estariam atentos aos desvios da normalidade entre as crianças, sendo responsáveis pelo afastamento daqueles que necessitariam de tratamento. No entanto, o olhar médico não se limita apenas aos alunos, ele estende-se aos professores e à estrutura física dos prédios que abrigam as escolas. O médico determinaria, através de medições, a quantidade satisfatória de luz e ar para uma sala de aula, o número de alunos em cada sala, a orientação solar do edifício escolar, entre outros. A importância de uma dieta balanceada e a necessidade das escolas oferecerem um complemento alimentar aos alunos também é enfatizada. Os futuros médicos correlacionam algumas dificuldades de aprendizagem e os quadros de “nervosismo”, que variam da apatia à dificuldade de concentração, à má alimentação das crianças. O desenvolvimento psicológico infantil ocorreria juntamente ao desenvolvimento físico, estando a maturação do sistema nervoso ligada à quantidade de nutrientes disponíveis na dieta das crianças. Destaca-se a presença na bibliografia destes trabalhos de textos pioneiros em Psicologia do Desenvolvimento como “A alma do menino: Observações sobre o desenvolvimento psychico do homem nos primeiros annos de sua vida”, de Wilhelm Preyer (1881), e “Desenvolvimento da alma no menino e na raça”, de James Baldwin (1898). As teses enfatizam a necessidade de cuidados com a infância, pois as crianças seriam os futuros trabalhadores que a nação brasileira tanto carecia, e os trabalhadores precisavam ser saudáveis tanto de corpo como de espírito. O interesse da Medicina pelo ambiente escolar pode ser associado à expansão do saber médico na sociedade, processo que permeia os períodos da República Velha (1889-1930) e da Era Vargas (1930-1945). Este trabalho faz parte da tese de doutoramento “Levantamento das Idéias Psicológicas presentes na Faculdade de Medicina e na Faculdade de Direito no estado do Rio Grande do Sul entre 1890 e 1950”.

Palavras-chave: História da Psicologia, História da Educação, Saúde Pública

HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA: UM ESTUDO SOBRE A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA SAÚDE MENTAL EM MINAS GERAIS

Érika Lourenço

Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Ciências da Saúde/ UNIPAC/Barbacena

Maria Cristina Mazoni Silva Martins

Faculdade de Ciências da Saúde da UNIPAC/Barbacena

Em sua trajetória histórica no Brasil, a psicologia começou a ser divulgada como ciência a partir do século XIX em duas grandes áreas, a educação e a medicina. As teorias sobre o funcionamento de diferentes aspectos do psiquismo humano, desde então, vieram sendo usadas para fundamentar práticas pedagógicas e práticas de atendimento à saúde mental. Seguindo este movimento nacional, a história da psicologia no Estado de Minas Gerais, embora com um início mais tardio do que em outros Estados como São Paulo e Rio de Janeiro, também está associada à história da educação e da medicina. Este trabalho teve como objetivo geral investigar a história da psicologia científica em Minas Gerais a partir da história do atendimento à saúde mental no Estado. O Hospital Colônia de Barbacena, que foi criado em 1903 para receber e tratar dos "loucos" de todo o Estado e que também foi o primeiro e é o mais antigo hospital psiquiátrico de Minas, foi a instituição escolhida para esta investigação. A partir desta escolha, foram traçados dois objetivos específicos: traçar a história da instituição, desde a sua criação até o presente; e, buscar identificar as teorias psicológicas que estiveram subjacentes às práticas de atendimento à saúde mental na instituição. As fontes utilizadas para a pesquisa foram artigos de jornais mineiros publicados ao longo do século XX, documentos internos da instituição e o material exposto no Museu da Loucura, que atualmente funciona anexo ao Hospital (que hoje é denominado Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena). Os resultados da pesquisa apontaram para uma história conturbada, em que se mesclam as buscas de meios para o atendimento e tratamento do paciente psiquiátrico, com problemas advindos da superlotação, da carência de recursos financeiros e da não funcionalidade dos métodos de tratamento propostos. Em sua história, o Hospital Colônia esteve envolvido em grandes escândalos de repercussão nacional, como a venda de cadáveres para diversas faculdades de medicina do país e as péssimas condições de higiene e conforto a que os internos eram submetidos. Atualmente, apesar de ainda abrigar algumas dezenas de pacientes crônicos que perderam completamente o contato com seus familiares, o Hospital está sendo reestruturado, visando atender as propostas da desospitalização. Ao longo de toda a trajetória do Hospital, foi verificada a presença da psicologia. A princípio, por meio de teorias sobre o psiquismo, que embasavam e mesmo justificavam práticas de tratamento como a laborterapia, a

eletroconvulsoterapia, a contenção física e a lobotomia, dentre outras, e, posteriormente, nas últimas décadas do século XX, com a presença de psicólogos, que vieram atuar junto às equipes médica e de enfermagem, visando humanizar o atendimento aos usuários do serviço de saúde mental.

Palavras-chave: história da psicologia; Hospital Colônia de Barbacena; saúde mental

Medicina Legal e as teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Vivian Ferraz Studart Pereira

Adriana Amaral do Espírito Santo

Ana Maria Jacó-Vilela

Núcleo Clio Psyché

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

De modo a contribuir para o traçado da história da Psicologia no Brasil, buscamos analisar rupturas e articulações no discurso psicológico, do século XIX a meados do século XX, no que concerne à autonomização da Psicologia como saber e prática. Até o século XIX, o saber psicológico que circulava no país estava diretamente articulado ao discurso católico, que tratava da alma. Começa então a se aproximar do discurso empírico da medicina, que propunha transformações sociais. Quanto a esta, após pesquisarmos importantes instituições, personagens e publicações, consideramos relevante investigar as teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, entre 1832 (criação dos cursos de medicina no Brasil) e 1930 (quando as teses deixaram de ser obrigatórias na conclusão do curso). Selecionamos 785 teses, cujos títulos indicaram a presença de conteúdos psicológicos, entre aproximadamente 10.000 existentes. Foram divididas de acordo com o título, de forma indutiva, em 127 grupos, denominados subcategorias, classificados em 16 categorias. Procedeu-se à leitura de uma amostra de pelo menos 20% de cada subcategoria, selecionando teses de diferentes datas. As teses em que realmente foram encontrados conteúdos psicológicos foram resumidas e estão sendo analisadas. Neste trabalho, apresentaremos um estudo sobre a categoria *Medicina Legal*. A categoria *Medicina Legal* foi dividida em três subcategorias: *Alienação Mental*, *Degeneração* e *Sexualidade e Reprodução*, que contêm no total vinte títulos, dentre os quais foram lidas treze teses e resumidas dez. Na subcategoria *Alienação Mental*, percebemos uma preocupação em determinar a responsabilidade e a culpabilidade do indivíduo considerado alienado mental, tomado como irresponsável mesmo que seu ato seja voluntário, pois não teria consciência do bem e do mal. Estas teses procuram classificar os diferentes tipos de loucura e determinar suas causas, por exemplo, a hereditariedade e as afecções cerebrais. Na subcategoria *Degeneração* as teses são fundamentalmente baseadas na Teoria da Degenerescência, que defende a idéia da transmissão de uma predisposição do organismo à degenerescência, identificada pela ocorrência de traços físicos e morais característicos aos degenerados. Encontram-se nas teses discussões sobre a capacidade civil e responsabilidade legal dos indivíduos psiquicamente comprometidos, avaliando-as de acordo com o grau de nocividade do sujeito. Quanto à subcategoria *Sexualidade e Reprodução*, notamos a

presença da defesa da reforma do código criminal vigente, principalmente em relação aos casos de defloração, estupro e infanticídio. Afirma-se que o código criminal deve ser reformado através do auxílio de médicos instruídos, e oficiais de saúde devem ser admitidos para determinar as causas de morte. Estas medidas denotam a crescente preocupação do saber médico com a prevenção da criminalidade, pois, com uma legislação mais rigorosa e respaldo científico, a possibilidade de se legitimar a acusação e punir o criminoso seria maior. Além disso, as teses discorrem sobre: aborto, citando meios de preveni-lo (por exemplo, boa educação moral e religiosa); estupro, apontando a pena prevista para este crime como muito leve; gravidez, considerada de influência imediata no moral da mulher, podendo levar até à alienação mental. Em um crime, a gravidez, por exemplo, poderia servir como fator atenuante, ou mesmo levar a mulher à absolvição. Estes conteúdos presentes nas teses remetem a uma discussão relativa a constituição dos princípios do Código Penal até ele se tornar o que é hoje. Entre 1750 e 1850, envolvidas pelos ideais iluministas, surgem normas associadas aos diversos tipos de delitos, dando origem aos princípios do Direito Clássico. Segundo tais princípios, todo membro da sociedade é dotado de livre arbítrio e, responsável pelos seus atos, deve sofrer punição de acordo com a gravidade dos mesmos, excetuando aqueles que se encontram em estado de completa perturbação dos sentidos e da inteligência ao cometer o crime. Porém, em meados do século XIX, surge um novo tipo de preocupação com o homem delinqüente e as razões de seus delitos, não mais embasada na moral, mas na ciência, que seria o novo critério de verdade. Surge, então, uma escola que contrapor-se-á diretamente ao Direito Clássico: a Escola Positiva, embasada nas idéias de César Lombroso, criador da Antropologia Criminal, Henrique Ferri, da Sociologia Criminal, e Rafael Garófalo, o primeiro a usar a denominação “Criminologia” para Ciências Penais. O “Direito Positivo” rejeitava como “metafísica” a noção de livre arbítrio, interessava-se em investigar a personalidade e o caráter dos criminosos, e definir meios adequados de tratamento para transformá-los em cidadãos obedientes, denotando pena como proteção social. Esquirol, líder da nova escola de medicina mental, fala de uma patologia dos sentimentos e da vontade, sem perturbações intelectuais, mostrando que a simples presença de certo tipo de crime poderia atestar a existência da loucura. No Brasil, estas idéias, presentes nas teses de conclusão de curso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, vão permeando a Medicina e irão se consolidar na figura do psiquiatra Heitor Carrilho, cujas idéias fundamentais foram sacramentadas no Código Penal Brasileiro de 1940. De acordo com estas idéias, a importância fundamental do crime não é determinar a sanção, mas revelar a personalidade do delinqüente, sendo a “inconsciência” e a “temibilidade” derivadas não do crime ou da doença, mas da constituição e personalidade do criminoso. Assim, notamos o papel fundamental que a ciência médica exerceu na construção de um saber psiquiátrico que vai buscar tratar a doença mental ao invés de aprisionar e isolar o louco infrator. Fortemente influenciado pelo Positivismo, este saber se utilizou de muitos critérios biológicos e métodos experimentais, o que também vai caracterizar o surgimento de uma nova área do saber psicológico: a Psicologia Jurídica, cujo marco foi o *Manual de Psicologia Jurídica* de

Mira y López. Este manual fundamenta a existência da Psicologia Jurídica na necessidade de apoio ao melhor exercício do Direito, sendo sua finalidade a profilaxia delitiva. Daí a importância da higiene mental como forma preventiva da delinqüência, além da compreensão da motivação psicológica do delito e da promoção da reforma moral do delinqüente.

Palavras-chave: História da Psicologia, Medicina Legal, Psicologia Jurídica. (CNPq)

Sessão de Comunicações Coordenadas

História geral da Psicologia

A idéia de ciência como base do conhecimento no século XVIII: apontamentos acerca da contribuição de Mathias Aires*

Marcelo Botosso**

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto

Em meados do século XVIII a doutrina iluminista irradiou do Velho Mundo e, impregnada de cientificismo, aguçou o entusiasmo de vários intelectuais que conceberam o método científico como base do conhecimento. Entre eles estavam alguns luso-brasileiros, particularmente, o paulistano Mathias Aires Ramos da Silva e Eça (1705-1770), literato, filósofo e cientista cuja formação cultural remete-se ao ambiente das universidades européias. Tal formação contribuiu para que o paulistano Aires, com facilidade e rapidez, absorvesse as idéias, perspectivas e o senso crítico das novas correntes culturais, introduzindo-as no ambiente intelectual do Brasil colonial.

O novo entusiasmo científico, figurado em Aires e outros intelectuais de sua época, exerceu influência decisiva no estudo sobre o homem, tornando este um objeto entre outros, passível de investigação segundo princípios, critérios, modalidades e métodos utilizáveis no âmbito do mundo natural. Neste contexto lançam-se os fundamentos da psicologia científica moderna que se desenvolveu com maior fecundidade na passagem do século XIX para o XX.

Em seu livro intitulado *Problema de Architectura Civil*, de 1770, Mathias Aires enuncia um postulado fundamental e inovador do método científico: “nas cousas naturaes só a natureza he mestre, e devemos seguir a sua voz.” (edição de 1778, p. 21) Com efeito, afirmou Aires, “He certo que, em quanto hum factu póde ter lugar naturalmente, não o devemos entender como procedido de causa sobrenatural” (p. 194) No livro *História da Psicologia brasileira*, Marina Massimi (1990, p. 24) alerta que em Aires “a restrição do domínio causal aos fenômenos naturais veta, no âmbito da ciência, a possibilidade de explicações de caráter metafísico ou de outra natureza, eliminando assim toda e qualquer interferência filosófica ou teológica.” Em estudo sobre um fenômeno de ilusão de ótica, Aires dá mostras de exercício deste princípio. A ilusão visual (imagens de espíritos, figuras demoníacas, etc.) que acomete os mineiros da Alemanha do século XVIII é explicada pelo efeito de variáveis físicas. Paisagens sulfurosas e escuras, a composição de vapores de enxofre e

* Expressar um reconhecimento pode também ser uma forma de gratidão. A realização deste trabalho só foi possível graças às aulas e às orientações de Marina Massimi – professora do departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP) - e aos diálogos que mantive com o psicólogo André Luís Masiero.

** Bacharel, licenciado e mestre em História pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista (FHDSS – UNESP). Atualmente inicio uma pesquisa em História da Psicologia na FFCLRP – USP.

luzes artificiais empregadas na escavação das minas, originam visões fantasmagóricas interpretadas e temperadas ao sabor popular.

Neste sentido, o conhecimento das causas naturais nos fenômenos é compreendido, como afirma Aires, pelos “experimentos certos, invariáveis e constantes” (p. 21) permitindo a “inteligência dos efeitos” (p. 176). Com efeito, ainda sobre o pensamento de Mathias Aires, escreve Massimi (p. 21), “o discurso sobre as causas, muitas vezes baseado em conjecturas, pode levar ao erro, enquanto que o método científico, baseado na observação e no experimento, é infalível.” Para Aires as falhas na elaboração científica não são frutos do acaso ou da ação interventiva de outro tipo, outrossim dependem da subjetividade do cientista. Imprecisões operacionais e quantitativas, os preconceitos, a impaciência e a fadiga, no decorrer da experiência, muitas vezes corroboram com o insucesso de um determinado experimento.

Diante destas premissas surge a possibilidade de fundar uma ciência objetiva sobre o homem. Para Aires verifica-se que a adoção dessa idéia possibilita a superação do impasse epistemológico típico do saber psicológico devido ao fato de o sujeito ser idêntico ao objeto. Os impasses causados por tal identificação sobre o estudo de si mesmo ainda foram reconhecidos e encarados por Mathias Aires no seu texto *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens* (1752). Na introdução, referindo-se ao objetivo da obra, o autor baliza para os limites do método introspectivo quando relata que as paixões tendem a escapar da memória e do conhecimento do indivíduo. Por isso, estudar a abrangência cultural da idéia de ciência como base do conhecimento no século XVIII, particularmente do psicológico, indubitavelmente é estudar a contribuição do legado intelectual de Mathias Aires. Ainda se faz necessário alertar para a permanência de um interesse difuso pelas questões dessa ordem em vários campos do saber de época, evitando um possível anacronismo na análise. Assim, pode-se afirmar que em Mathias Aires já estão colocadas algumas abordagens que lançam raízes para uma fundamentação no campo da ciência e da psicologia.

Palavras-chave: História, Psicologia, ciência.

A psicologia histórica de Ignace Meyerson

Maria Fernanda Costa Waeny

Núcleo de Estudos em História da Psicologia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

A dissertação de mestrado coleta e analisa dados biobibliográficos de um autor, Ignace Meyerson (1888-1983), e de um aporte teórico, a psicologia histórica. Ignace Meyerson sistematizou sua proposta em psicologia histórica a partir da defesa de tese *Les fonctions psychologiques et les œuvres*, defendida em 1947. Datam mais ou menos desta época outras abordagens também denominadas psicologia histórica nos seguintes autores: Lucien Febvre, Robert Mandrou, Jan Hendrik Van den Berg, Karl Mannheim e Zevedei Barbu; e datam também deste período aportes à primeira vista similares à proposta meyerersoniana – é o caso, por exemplo, da história das mentalidades, da antropologia histórica, da psicotória e até mesmo das representações sociais.

A partir de 1951 Ignace Meyerson iniciou cursos regulares de psicologia comparativa na “École Pratique des Hautes Études/École des Hautes Études en Sciences Sociales”, inaugurou o “Centre de Recherches de Psychologie Comparative” (1953), e promoveu os seguintes colóquios interdisciplinares: *Problèmes de la couleur* (1954), *Problèmes de la personne* (1960), e *Le signe et les systèmes de signes* (1962).

O termo psicologia histórica, no entanto, tem data e local específicos de aparição. Ao que tudo indica ele foi cunhado por Henri Berr, em 1899, no livro curiosamente intitulado *L’Avenir de la philosophie*. Portanto, a denominação psicologia histórica parece realmente pertencer ao século XX; porém, principalmente porque, diz Berr, espírito e história são concretizações do pensamento. Vale lembrar que Henri Berr foi um dos mentores de Febvre e Marc Bloch e, portanto, sua concepção de história certamente teve algum impacto nos fundadores dos *Annales*; vale também citar que Mandrou foi discípulo de Febvre e que Meyerson entrou para a VI seção graças aos esforços de Febvre. Heranças estas que, no entanto, não esgotam a explicação sobre o desconhecimento entre as psicologias históricas e entre psicologia e história, sejam elas originariamente francesas ou não.

O intuito da dissertação foi apreender este tipo de pesquisa que parece ter emergido com muita força principalmente após a II Guerra Mundial e que de modo geral pode-se denominar *pesquisa pelo caráter histórico das produções humanas*. As principais perguntas que rondaram o texto foram: por que o tardio reconhecimento da obra de Ignace Meyerson? Quais serão as diferenças entre as propostas de Ignace Meyerson, Wilhelm Wundt e Wilhelm Dilthey? Como avaliar autores e abordagens tão diferentes se todos eles se propõem a analisar as obras humanas

como produtos concretos e historicamente situados? Por que as referências às psicologias históricas, em geral, e a Ignace Meyerson, em especial, sempre aparecem de modo parcial e na maioria das vezes deslocadas do contexto histórico? Como explicar que as propostas teóricas se fizeram uma à revelia da outra? Que sentido há em se questionar, ou propor, unidade na produção de conhecimento de uma área quando ela parece ter demonstrado, desde seu início, ausência de preocupação a este respeito?

Palavras-chave: História da psicologia; história das ciências humanas; história das idéias

O MÚLTIPLO SURGIMENTO DA PSICOLOGIA

Arthur Arruda Leal Ferreira

Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

1. Introdução

Uma questão que surge na elaboração de qualquer trabalho histórico é o de dar conta do surgimento de um acontecimento: uma prática, uma experiência ou um saber. Seria este objeto histórico produto de sutis mutações de uma experiência arquetípica (configurando uma origem), ou seria produto múltiplas combinações casuais e inesperadas (demarcando uma irrupção)? É assim que o filósofo e historiador Foucault nos coloca perante uma escolha da qual o historiador não pode se omitir. Como esta questão se configura na história da psicologia? É um consenso entre os historiadores da psicologia o estabelecimento do século XIX como marco institucional do surgimento deste saber. Uma boa parte dos textos em história da psicologia aponta para uma origem remota, como se a psicologia pudesse encontrar na sua fundação no século XIX ecos de um saber ancestral e remoto. Como se, apenas por uma pequena mutação, um sutil estalo houvesse surgido a consciência de que estas intuições ancestrais poderiam se tornar objeto no século XIX de um saber regulado e cientificamente disciplinado. Contudo, uma outra forma de pensar histórico aponta para o surgimento da psicologia a partir da irrupção de condições bem peculiares, que teriam surgido de forma diferenciada a partir do século XVI, e que confluiriam para a necessidade do conhecimento de si, da busca de uma natureza na individualidade e interioridade humanas.

2. Argumentação teórica

Dentro desta perspectiva a hipótese aqui aventada é que não teria irrompido uma única experiência peculiar que teria contribuído na modernidade para o surgimento da psicologia, mas sim diversas, que, em seu emaranhado, teriam conduzido a uma multiplicidade de orientações em psicologia. Uma segunda hipótese daqui derivada é que a multiplicidade da psicologia é o produto, não de um descuido científico ou de uma imaturidade do saber psicológico, mas do eco desta profusão de experiências, e do modo como elas se articulam na construção de um solo psicológico. Que experiências são essas que irrompem na modernidade e constituem o seu solo sempre fragmentado?

Concernindo o conjunto do saber e das práticas psicológicas contemporâneas teríamos as seguintes experiências constitutivas:

1) Uma experiência de constituição de uma interioridade em que o espírito passa a ser visto como composto por um sujeito transcendental (incognoscível) e um sujeito empírico (cognoscível) desde Kant. Herdando este esquema teríamos não apenas a tradição da psicologia como ciência da

experiência (surgida na Alemanha no final do século XIX), mas toda psicologia, ao reunir sempre um modo de relação entre o nosso sujeito empírico (as nossas experiências conscientes) com um sujeito transcendental (que é em geral um conceito natural); a maior parte das psicologias partiria da nossa subjetividade empírica para a transcendental (posição metapsicológica), mas outras, como a behaviorista, negando a evidência da mente e da consciência (sujeito empírico) só a atingirão através de um conceito transcendental (posição parapsicológica).

2) Uma experiência de individualização, que remonta a um duplo movimento: a constituição do indivíduo no século XVI enquanto um sujeito autônomo, singular, igual aos demais e dotado de uma interioridade (foro íntimo), que seria a fonte contratual dos Estados modernos (o que Foucault chamaria de indivíduo soberano e regulado pela Lei); e o indivíduo enquanto um objeto determinado, peculiar e dotado de uma interioridade (a natureza humana), que seria o alvo do cuidado dos Estados contemporâneos desde o século XVII (o indivíduo disciplinado esquadrihado a partir de uma Norma Natural). Esta experiência de individualização marcaria não apenas a psicologia funcional, evolutiva, comparativa e funcional, gestada nos países de língua inglesa, mas toda a prática psicológica, oscilando entre a busca de autonomia e controle dos seus sujeitos. Algumas psicologias, mesmo que privilegiem a autonomia do ser humano, remetem-no a uma norma natural; outras, ainda que tentem disciplinar os sujeitos, fazem-no de modo a favorecer o seu autocontrole autônomo.

Contudo, outras experiências modernas foram fundamentais para constituírem setores relevantes do campo psicológico:

- A) Uma experiência de divisão da Razão e da Loucura a partir do século XVII (quadro descrito por Foucault em *A História da Loucura*). Esta experiência, fundamental na gestação da psicologia na França será fundamental para a área psicopatológica.
- B) Uma experiência de distinção entre a infância e a idade adulta, desenvolvida segundo Áries, à partir do século XVI através da constituição da escola e da família moderna (básica à psicologia do desenvolvimento).
- C) A distinção ente corpo e mente na definição da identidade do indivíduo, surgida a partir do século XVII segundo Vidal, e constitutiva de questões da psicologia do século XVIII (e na discussão metafísica da relação mente-corpo).
- D) Uma experiência de separação entre um plano público e privado, como demarcado por Elias, e que permite a distinção entre um plano individual e coletivo (básica à constituição da psicologia social).

3. Conclusão

Resta ainda uma questão na constituição da psicologia: como se dá a cientificação destas experiências demarcando uma ciência psicológica? Para isto foi necessário uma série de transformações no conhecimento que levaram à possibilidade de uma peculiar ciência do homem no século XIX. Por que esta não teria sido possível antes? Para dar conta dessa história um bom

guia é fornecido por Foucault em *As Palavras e as Coisas* (1966). Neste livro Foucault entende que esta abordagem do Homem como Ser Empírico (objeto natural) só foi possível no século XIX, graças à superação de um modelo de conhecimento Clássico, o da Representação, que buscava ordenar os seres em ordens ideais; somente na Modernidade é que os seres foram abordados em sua profundidade empírica e histórica. O homem, descortinado como objeto natural pela Economia, Biologia e Filologia, é reduplicado em sujeito fundamentante por uma série de filosofias antropológicas como as Dialéticas, o Positivismo e a Fenomenologia. É do cruzamento destas ciências empíricas do homem com as filosofias antropológicas é que nasceriam as ciências humanas como a psicologia. E esta hibridação entre conceitos científicos e conceitos filosóficos produzida pela psicologia se completa no conluio entre práticas sociais (vistas na seção anterior) e as transformações no conhecimento. São estas múltiplas hibridações que constituem enfim o nosso campo psicológico fragmentado.

Palavras-chave: História da Psicologia – Modernidade – Práticas Sociais

De como questões psicológicas contribuíram no estabelecimento da teoria da seleção natural de Darwin

Francisco Teixeira Portugal

Doutor pela PUC-Rio

Introdução:

Nas discussões psicológicas costuma-se opor uma abordagem sócio-histórica com seu sujeito historicamente construído às abordagens experimentais e biológicas com seus dispositivos purificadores e naturalizantes. Neste sentido a psicologia revela-se como independente da biologia ou se apresenta como relativamente dependente desta última, sofrendo, portanto, em sua autonomia. As reflexões que se seguem mostram como, nos trabalhos de Darwin, o comportamento e as faculdades mentais (terminologia da época) não foram amoldados a uma matriz teórica formada através de dispositivos calcados exclusivamente na biologia (como fizeram e fazem os evolucionistas) mas, em fragrantíssimo contraste, serviram como principal barreira à teoria hábito-instinto que gerou a teoria da seleção natural retirando justamente a perspectiva individualista da abordagem do autor.

Argumentação teórica:

As classificações da história natural e da biologia realizadas ao longo do século XVIII e XIX, longe de refletirem o mundo natural, constituem processos artificiais investidos nos animais. Apesar da base de sustentação da ordenação biológica ter-se diferenciado, nos trabalhos de Darwin, da psicológica, seria errôneo considerar que não houve interação entre a teoria biológica e a psicológica, ou ainda que aquela teria sido imposta sobre esta.

Não se pode afirmar que as faculdades mentais e o comportamento são determinados passivamente pela evolução. Ao contrário, eles têm papel significativo no longo caminho percorrido pelos tipos naturais principalmente nos trabalhos dos biólogos de matriz sensacionista do século XIX, mas também, retrocedendo aos séculos anteriores, a alguns dos historiadores do mundo natural que, distantes das propostas aristotélicas e cartesianas, sustentavam que o conhecimento humano e animal têm as sensações como princípio.

Lamarck concebe o comportamento simultaneamente como produto e instrumento das transformações das espécies. O comportamento é alterado pelas modificações circunstanciais e o contínuo uso de um órgão fortalece-o. Conseqüentemente, os hábitos podem ser adquiridos ou perdidos conforme as modificações ambientais ao longo do tempo. O naturalista francês propunha ainda que os hábitos tinham o poder de alterar órgãos e funções. Os fluidos movendo-se através do corpo poderiam abrir novas passagens nos tecidos, construir canais, modificar a massa celular e lentamente formar novos órgãos.

Desse modo, o ambiente age tanto de forma direta alterando os comportamentos, quanto de forma indireta modificando, através dos hábitos, as funções e os órgãos. Assim, as

necessidades e os hábitos têm papel determinante nas transformações das espécies. Essa teoria do uso, também utilizada por Darwin, foi distorcida por Georges Cuvier e Julien Virey ao atribuírem à vontade do animal o fator determinante das transformações das espécies. Esta versão voluntarista foi recusada por Darwin e outros evolucionistas e erroneamente atribuída a Lamarck. A necessidade e o hábito não requerem a presença de vontade no animal, e mais do que isso, para Lamarck a vontade só emerge nos animais com sistema nervoso central enquanto os dois vetores agem em toda a escala animal.

Entretanto como explicar pela teoria do hábito-instinto a existência dos animais sexualmente neutros? Esta dificuldade foi apontada pelo naturalista como forte o suficiente para fazer ruir toda sua teorização até então. O problema de Darwin era: como esses insetos sexualmente neutros, isto é, estéreis, poderiam deixar prole? Na tradição sensacionista e nas discussões dos moralistas da escola de Adam Smith, Jeremy Bentham e William Paley, uma característica mental ou traço moral só se manteria enquanto fosse benéfica para o sujeito. Na teoria hábito-instinto lamarckista a unidade de análise é ainda o indivíduo, daí a grande dificuldade em explicar os instintos maravilhosos especialmente dos insetos sociais sexualmente neutros.

A solução encontrada que permitiu a aplicação da teoria da seleção natural a estes casos foi o reconhecimento da diferença entre o animal que seleciona um comportamento por sua utilidade (o animal é o centro decisório) e o animal que é selecionado por seu comportamento útil (o animal é parte de um processo). As grandes diferenças estruturais e instintuais dos insetos neutros ganharam sentido ao serem comparadas à seleção artificial realizada por criadores de gado. Estes especialistas escolhem a carne adequada de um animal que já está morto reproduzindo novos animais dos mesmos pais — trata-se, pois, de uma seleção familiar. Assim, será selecionada uma comunidade de insetos em que tenham surgido alterações estruturais e comportamentais que resultaram em vantagem competitiva para este conjunto de insetos sobre outro conjunto que não se modificou. A unidade de medida é, a partir de então, a comunidade ou, como foi sedimentado, a população.

Para não repetir o erro de uma história evolucionista (no sentido de progresso), em que um modelo teórico viria tão simplesmente suplantado por outro modelo anterior — contando ainda com o apoio de Darwin que conclui esta discussão com as seguintes palavras: “Causa-me surpresa constatar que ninguém ainda tenha lançado mão do exemplo dos insetos neutros em contraposição à conhecida doutrina de Lamarck.” —, não podemos esquecer da permanência da teoria do hábito-instinto nos seus trabalhos tardios e ainda da breve concessão presente neste mesmo capítulo de sua reflexão: “Em certos casos, provavelmente houve a participação do hábito ou do uso-e-do-desuso.”

Conclusões:

Ainda que a teoria de seleção natural tenha se sobreposto à psicologia e um naturalismo e experimentalismo simplificador se espalhado na história desta área, a gênese desta teoria deve a

questões psicológicas parte de seu rigor. O individualismo recuou e a questão da precedência da biologia sobre a psicologia fica seriamente relativizada por um de seus mais eminentes articuladores.

Palavras-chave: Psicologia comparada, Darwin, história

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

ADILSON DUMONT

Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Cultural e Paisagístico e do CDPHA
Ibirité, MG

Na tentativa de contribuir com o “XXI Encontro Anual Helena Antipoff”, ainda que modestamente, este artigo lança um olhar sobre a gênese da Psicologia e sua afirmação enquanto ciência. Retomamos as indagações e reflexões dos gregos, em especial a “Escola Socrática”, passamos pelo contexto judaico-cristão dentro do medievalismo. Apontamos o Renascimento como prenúncio da formação do “Homem Moderno” a partir da contribuição das ciências, já antropocêntricas. Mas, a solidificação da Psicologia enquanto ciência se dá com a modernidade. No final do século XIX, a partir de metodologias e técnicas próprias temos a Psicologia emancipando-se da Filosofia.

Nossas “testemunhas” deste percurso foram os filósofos, pensadores, cientistas; Homens e mulheres que pensaram e ousaram para além do seu tempo, mas uma delas se tornou memória necessária e obrigatória: nossa mestra “Helena Antipoff”. Sabemos que ainda hoje estamos “digerindo”, “ruminando” todos os conhecimentos deixados pelos nossos mestres, o que fortifica e engrandece a historiografia da Psicologia. Veremos ao longo da história da Psicologia a excelência do pensamento Ocidental. Que dona Helena Antipoff seja a nossa referência na instrumentalização do entendimento da psicologia humana. Nesse encontro Antipoffiano cuja temática é: “Psicologia, educação e saúde mental” é pertinente lembrarmos nossa mestra:

“Empenho-me em servir de todo coração e até minhas últimas forças ao povo de Minas Gerais, contribuindo para a formação de educadores das novas gerações do grande Estado e ajudando o ajustamento da infância excepcional para bem-estar do lar, da família e da comunidade.” (trecho de uma de suas cartas que revelam uma “psicóloga-educadora” nata e apaixonada.

Sessão de Comunicações Coordenadas

História da Psicologia da Educação no Brasil

UM ESTUDO HISTÓRICO SOBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DA PREFEITURA DE SÃO PAULO

Carmem Silvia Rotondano Taverna.

Núcleo de Estudos em História da Psicologia

Programa de Psicologia Social

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Buscou-se apoio para esta elaboração na abordagem social da historiografia da psicologia, que se fundamenta na compreensão da área na trama das relações sociais, políticas, econômicas e culturais na qual se inseriu e foi produzida. No contexto específico da Prefeitura de São Paulo, buscou-se compreender as necessidades existentes para a implantação de um serviço de psicologia escolar, os fatores conjunturais e estruturais que interferiram no seu desenvolvimento, bem como, nas ideologias, valores e representações que estavam presentes.

Por tratar-se de história inserida no campo do contemporâneo, e da qual a pesquisadora participou, desde que trabalhou como psicóloga escolar no Serviço de Psicologia Escolar dessa Secretaria, de 1978 até a sua extinção, buscou-se apoio mais específico nos fundamentos da História do Presente – tendência originária da Nova História (1950-60), incrementada nos anos 70, como tentativa de explicar o impacto dos acontecimentos do século XX sobre os homens e, portanto, como tentativa de explicar o presente. Assim, o pesquisador pode ser considerado como alguém que é integrante do contemporâneo e a história considerada como um fator de compreensão do tempo presente.

Documentos constituíram-se em matéria prima para a realização dessa pesquisa. A identificação, leitura e descrição das fontes primárias e secundárias resultaram na elaboração de três linhas de tempo, que apresentam respectivamente, alguns fatos ou eventos marcantes na educação no Brasil ou na PMSP; fatos ou eventos marcantes específicos na educação da PMSP e da psicologia na SME, desde os anos 30 até o início dos anos 90, e na caracterização específica para cada conjunto de documentos, conforme segue: 1 – legislação: atos, projetos de lei, decretos, portaria e leis emitidos pela PMSP. Desse material foi possível elaborar uma série de organogramas que demonstram o desenvolvimento da institucionalização dos diferentes setores responsáveis pela educação, e particularmente da Psicologia na SME. 2 – material de divulgação produzido pela SME ou em algumas de suas unidades, como também, entrevista e documentário de fotos. 3 – material de trabalho: orientações aos psicólogos escolares, aos assistentes pedagógicos, orientadores educacionais e professores de escolas de 1º grau e educação infantil e a professores, produzidas por equipes da Seção de Psicologia, da Seção de Fonoaudiologia, Departamento de Assistência (Saúde) Escolar e/ou Departamento de Planejamento e Orientação, da SME e Secretaria Municipal de Saúde. 4 – cursos programados pelo Setor de Psicologia, ministrados por psicólogos e cursos programados pela ou para a SME, dos quais psicólogos

escolares participaram. 5 – seminários, encontros e congressos dos quais participaram psicólogos escolares da PMSP. 6 – textos de diversos autores utilizados em treinamentos do Serviço de Psicologia Escolar da PMSP. 7 – pesquisas históricas sobre educação e ensino municipal sobre Educação e Ensino Municipal de São Paulo, realizadas durante o período em estudo, mas também outras mais recentes; pesquisas sobre psicologia escolar na prefeitura de São Paulo, e livros sobre psicologia escolar publicados por autores brasileiros, entre os anos de 1970 a 1984.

Na análise e interpretação do conjunto de documentos pesquisados, procurou-se não apenas relacioná-los entre si, mas também com as linhas de tempo elaboradas e com alguns dos acontecimentos que marcaram a história do Brasil, da psicologia e da própria profissão de psicólogo, permitindo a identificação de quatro períodos na atuação da psicologia na SME da PMSP e a elaboração de uma narrativa sobre: (1) “Antecedentes – a assistência à criança das camadas populares na PMSP”, que compreende o período da instalação dos Parques Infantis, em 1935, à criação do Setor de Psicologia Clínica, na década de 1940, e o desenvolvimento desse trabalho, até a primeira metade da década de 1970; (2) “Da Psicologia Clínica à Psicologia Escolar ou Psicologia Clínica Escolar Preventiva” – fase de criação do Serviço de Psicologia Escolar, a qual inaugurou novo campo para a atuação da psicologia na Secretaria Municipal de Educação, marcando o início da busca de uma identidade profissional do psicólogo escolar; abrangendo os anos de 1975 a 1979; (3) “Tentativas de Definição da Psicologia Escolar. Forças antagônicas: a psicologia escolar-clínica preventiva e a dimensão política do trabalho do psicólogo escolar”, compreendendo os anos de 1980 a 1985 e; (4) “A extinção do Serviço de Psicologia Escolar: transferência dos psicólogos da Secretaria Municipal de Educação para a Secretaria Municipal de Saúde”, abrangendo os anos de 1986 a 1989.

A história do Serviço de Psicologia Escolar da PMSP, cujo desenvolvimento se deu entre avanços e recuos, embates de forças antagônicas e tendências diversas, poderá ser utilizada como referência a novos estudos, mesmo porque algumas questões permanecem sem resposta. Quais são as realizações da psicologia em favor das necessidades educacionais atuais? Em quais teorias e técnicas se apóia? Que atividades desenvolvem? A experiência engendrada na SME da PMSP, de algum modo colaborou para a análise e reflexão crítica da psicologia e a concretização das mudanças esperadas? Ao que parece, uma questão mais ampla ainda está presente e se refere à definição do papel do psicólogo, tal como esteve durante o período de existência do Serviço de Psicologia Escolar, só que hoje, talvez, apareça travestida com novas denominações, posto que é exercida em novos lugares.

Palavras-chave: psicologia escolar; história da psicologia no Brasil; história da profissão de psicólogo.

Reflexões sobre Antipoff, a criança e a *REBEP*

Virgínia Sales Gebrim¹

Universidade Católica de Goiás

Introdução

A Psicologia é o campo do conhecimento mais influente na consolidação da Educação moderna. Tal pressuposto, que orienta a concepção desse estudo requer reflexão sobre a maneira pela qual a relação entre Psicologia e Educação se constituiu no século XX, especialmente no Brasil.

A maneira pela qual a psicologia marcaria suas influências nas práticas educativas atuais, com desdobramentos para todo o século XX está relacionada ao processo de difusão e penetração do movimento escolanovista no Brasil. Por isso é importante compreender melhor esse período e o processo pelo qual a Psicologia estabeleceu sua influência sobre a Educação.

Método

A presente investigação permite compreender como se desenvolveu a relação entre Psicologia e Educação, tendo por referência uma publicação de caráter oficial, o periódico de circulação nacional, a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (REBEP)*, editada pelo INEP, abordando o período de 1944 a 1963.

Analisando-se 95 artigos retirados dos 106 números da revista, publicados no período estudado, pretendeu-se apreender o debate teórico da época, as preocupações emergentes e as principais temáticas enfocadas.

Os autores nacionais que mais colaboraram com a *REBEP*, foram: Lourenço Filho, e Helena Antipoff. A presença destacada de Antipoff na *REBEP* deve-se a sua expressiva contribuição no estudo da criança brasileira, haja vista que suas pesquisas levavam em consideração o meio social das crianças. Norteador o seu trabalho Por uma concepção de inteligência multideterminada, por fatores biológicos e culturais, o uso da *Psicometria* por Antipoff era somente mais um instrumento que forneceria, junto com a investigação de fatores sociais, um diagnóstico da criança. Foi assim que o pensamento de Antipoff teve um espaço significativo na *REBEP*, pois acenava com a possibilidade de uma investigação na qual a criança brasileira era o elemento mais importante.

Resultados e discussões

¹ Professora do departamento de Educação da Universidade Católica de Goiás. Doutoranda em Psicologia da Educação pela PUC-SP

Através da *RBEP*, é possível acompanhar o processo de estabelecimento das relações entre Psicologia e Educação no Brasil. Nos anos 40, quando a *RBEP* inicia a sua circulação, havia uma crença, nos Estados Unidos e na Europa, de que a psicologia promoveria muitos benefícios para o ajustamento do indivíduo à sociedade, por intermédio da escola e do trabalho. Temas como Provas de nível mental, Educação e desenvolvimento humano ganham destaque nos artigos da *RBEP*. O debate educacional ao girar, de maneira significativa sobre este eixo temático, se amparava, predominantemente, pela *Psicometria*.

Outro aspecto evidente na *RBEP*, e que deve ser considerado nas relações entre Psicologia e Educação no Brasil, é a ênfase dada à infância. Aliás, essa preocupação em conhecer a criança brasileira é um aspecto que, de tão importante, une até mesmo pensamentos tão diversos, como os de Lourenço Filho e Helena Antipoff, que tratam o tema de pontos de vista completamente diferentes.

Na verdade, são expressões de pensamentos antagônicos, pois os princípios que norteiam as idéias de Lourenço Filho podem ser caracterizados como a vertente mais “psicologista” da Escola Nova, em que as questões de natureza técnica se sobrepõem às questões sociais. Por sua vez, as formulações de Antipoff em relação à criança, demonstram preocupação com a influência do ambiente e das condições sócio-econômicas na formação da inteligência.

Conclusões

Através do perfil aqui desenhado nesse estudo, é possível indicar alguns elementos para compreender a relação entre psicologia e educação no Brasil, no período estudado.

As possibilidades de análise e releitura dos dados sistematizados nesse estudo permanecem abertas para aqueles que se interessam pela compreensão da problemática proposta. Compreender a relação entre psicologia e educação é um dos caminhos para o entendimento das questões educacionais atuais e de suas perspectivas.

Palavras-chave: Antipoff; criança; rbep.

**Ensino Fundamental para Criança da Roça: um contrapondo entre
a Pedagogia de Helena Antipoff e a Pedagogia da Escola
Fundamar.**

Maria Lúcia Prado Costa

Maria do Carmo Xavier

Édouard Claparède e a Psicologia da Educação no Brasil

Laisa Kelly Vilanova

Regina Helena F. Campos

Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff

Faculdade de Educação

Universidade Federal de Minas Gerais

Temos por objetivo investigar a influência da obra de Edouard Claparède (1873-1940) sobre a organização teórica e prática da psicologia no Brasil no período de 1920 a 1950, através do levantamento de citações de sua obra nos principais periódicos de psicologia e educação publicados no país nesse período e da apropriação de suas idéias por autores como Helena Antipoff, Lourenço Filho, Noemi Rudolfer e Iago Pimentel. Claparède foi um dos autores com maior número de obras traduzidas em português durante o período considerado, como exemplo, *A Escola E A Pedagogia Experimental*, tradução feita por Lourenço Filho, em 1924. Essa tradução é uma das que foram reeditadas, o que nos leva a supor que a obra de Edouard Claparède se tornou leitura obrigatória nos cursos de psicologia ministrados a educadores e profissionais da área. Nossa hipótese é que a obra de Edouard Claparède contribuiu de forma significativa para a construção e consolidação da psicologia brasileira no período considerado acima, através de suas propostas teóricas, de sua visão das relações entre psicologia e educação e de suas recomendações relativas à implantação de laboratórios de psicologia experimental. Essa pesquisa visa conhecer mais sobre a frequência em que a obra de Edouard Claparède é citada nos principais periódicos sobre psicologia e educação editados no Brasil entre 1920 e 1950; como a perspectiva funcional de Claparède contribuiu para a psicologia brasileira e como a proposta de uma psicologia experimental defendida por ele foi utilizada em laboratórios de psicologia criados nessa época. Para responder a esses questionamentos essa pesquisa será dividida em três etapas. A primeira etapa compreende o levantamento e análise das citações das obras de Edouard Claparède presentes nas bibliografias de artigos publicados em alguns dos principais periódicos ligados à psicologia e à educação publicados no Brasil entre 1920 e 1950. Os periódicos escolhidos para serem examinados são a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, editada pelo INEP a partir de 1944; *Revista do Ensino de Minas Gerais*, editada a partir de 1925; *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental*, publicação da Liga Brasileira de Higiene Mental iniciada em 1924 e *Infância Excepcional*, periódico editado pela Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais a partir de 1932.

Sessão de Comunicações Coordenadas

Metodologia de Pesquisa em História da Psicologia

O zero e o infinito

Reflexões sobre o método biográfico em pesquisa histórica

Heliana de Barros Conde Rodrigues

Núcleo Clio-Psyché

Departamento de Psicologia Social e Institucional

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO - O título do romance de Arthur Koestler (*O zero e o infinito*) funciona, neste trabalho, como disparador de uma problematização do lugar ocupado pelo método biográfico na pesquisa histórica, levando-se em conta a frequência com que, de tempos em tempos, ele passa de vilão a herói (e vice-versa). Neste sentido, o texto percorre uma série de debates recentes a respeito do procedimento. No que tange às explicações que alguns estudiosos têm elaborado para o atual *boom* editorial das biografias, efetua uma análise bastante crítica: tais explicações, freqüentemente, têm por pressuposto implícito grande parte daquilo que alegam explicar. Paralelamente, valoriza as possibilidades ofertadas ao pesquisador, quanto à construção e à escrita da história, pelas experimentações literárias – os heterônimos de Fernando Pessoa, por exemplo –, desde que se admitam (ou mesmo se incentivem) regiões híbridas de produção de saber. ARGUMENTAÇÃO TEÓRICA - O ponto central do trabalho, que se apóia nas reflexões acerca da história oral desenvolvidas pela autora em recente tese de doutorado (*No rastro dos "cavalos do diabo": memória e história para uma reinvenção de percursos do paradigma do grupalismo-institucionalismo no Brasil*), volta-se a uma exploração minuciosa de dois artigos reconhecidos como "clássicos" quanto à avaliação do método biográfico, devidos, respectivamente, ao sociólogo Pierre Bourdieu e ao micro-historiador Giovanni Levi. Para o primeiro, configura-se atualmente uma "ilusão biográfica", cujo engendramento vem sendo auxiliado, dentre outros fatores, pelo apelo irrefletido de muitos pesquisadores sociais às "histórias de vida". Já o segundo autor, mediante a elaboração de uma tipologia analítica geradora de quatro classificações (prosopografia e biografia modal; biografia e contexto; biografia e casos extremos; biografia e hermenêutica), prefere explorar os múltiplos efeitos promovidos por esses diferentes "usos da biografia". CONCLUSÕES - De uma crítica ao dogmatismo e ao reprodutivismo paralisantes que permeiam a postura de Pierre Bourdieu e dos manejos singulares que Giovanni Levi projeta para o método biográfico decorrem as conclusões do trabalho, explorando, como recurso estratégico, as relações equívocas que se têm estabelecido, nos encontros anuais do Núcleo Clio-Psyché da UERJ, entre *psicólogos interessados em história* e *historiadores que valorizam a presença da subjetividade* na trama narrativa. Enquanto os primeiros buscam na história uma ferramenta desnaturalizadora do "rochedo da subjetividade", os últimos tendem a atribuir aos estudiosos "psi",

notadamente quando psicanalistas, um saber valiosíssimo, misterioso e especial, por princípio alheio ao domínio de competência do historiador. A presença desse impasse, que não é visto como insolúvel, remete à necessidade de desenvolver uma apreciação crítica da concepção de interdisciplinariedade atualmente presente na formação de pesquisadores. Aponta igualmente à premência de pôr ênfase nas contribuições singulares que, no caso da História da Psicologia, podem ser esperadas de um emprego matizado e crítico da história (oral) de vida, uma forma particular de método biográfico. Nesta última direção, recorre-se em especial às contribuições de Alessandro Portelli (que enfatiza a singularidade das fontes orais e do tipo de narrativa histórica que deve decorrer de sua utilização) e de Alistair Thomson (que defende a idéia de uma memória-composição e analisa os eventuais efeitos transformadores, sob o ponto de vista político-institucional, dos projetos de história oral, tanto na formação de agentes quanto na escrita da história). As vias apontadas facultam pensar em formas de História da Psicologia que, embora recorrendo a procedimentos biográficos, se mostrem consistentes com perspectivas genealógicas; ou seja, que ao invés de racionalizar objetos naturalizados e pré-constituídos, sejam capazes de exhibir as práticas e os discursos que os forjam no tempo.

Palavras-chave: biografia; história da psicologia; produção de subjetividade

A Presença da Psicologia na Saúde Pública Campinas - História e Memórias

Marilda Castelar²

Núcleo de Estudos em História da Psicologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

O presente trabalho visa apresentar e discutir as etapas de produção do vídeo documentário “A Psicologia no Serviço Público em Campinas – Reflexos da História”³. Este vídeo faz um breve panorama dos últimos 50 anos da presença da Psicologia na cidade, ele é fruto do projeto “História da Psicologia em Campinas: pioneiros do Serviço Público”⁴. Este projeto se constituiu numa pesquisa de foco temático, onde foram priorizadas as vozes de vários profissionais que iniciaram atividades de Psicologia no Serviço Público e ajudaram a construir sua história. Neste percurso, foi privilegiado o papel da memória como um elemento facilitador na compreensão de uma história que ainda não está escrita. E a importância de gerar registros, acervos e construir documentos em diferentes suportes para futuras reflexões historiográficas que vão além dos documentos oficiais.

Os estudos sobre os princípios e os procedimentos da História Oral foram norteadores para a realização de entrevistas e para a produção de documentos que se constituíram em fontes primárias de pesquisa. Ao discutir a produção de um vídeo documentário, estaremos descortinando todas as suas etapas de elaboração: a importância da constituição e integração das equipes de pesquisa, de produção e da técnica, a pesquisa histórica, o contato com os informantes, a construção de roteiros de entrevista, o uso racional dos audiovisuais, a elaboração dos roteiros de gravação e de edição, os cuidados na captação de imagens, o assessoramento técnico fornecido à direção do vídeo, o acompanhamento das fases de edição. E até o lançamento do vídeo, na presença dos entrevistados e de outros psicólogos da cidade. Abordaremos os métodos e as técnicas para a produção de vídeos documentários, informações básicas para subsidiar futuros trabalhos que envolvem o uso da linguagem audiovisual por pesquisadores diversos.

² Psicóloga, Mestre em Mídias pela Unicamp e Doutoranda em Psicologia Social na PUC-SP – NEHPsi.

³ Vídeo de 40 minutos em VHS, disponível no CRPSP - Conselho Regional de Psicologia de São Paulo.

⁴ Este projeto foi desenvolvido por uma equipe de profissionais e pesquisadores constituída pelo MIS Campinas - Museu da Imagem e do Som de Campinas em Parceria com o CRPSP. Componentes da equipe: Maria do Carmo Cassaniga (Psicóloga e Pesquisadora do MIS), Marilda Castelar (Psicóloga e Pesquisadora do MIS), Daisy Serra Ribeiro (Historiadora e Pesquisadora convidada), Fernão Ciampa (Psicólogo e Diretor do Vídeo), Paulo Guillarducci (Radio e TV e Produtor do Vídeo).

Com a pesquisa histórica e as lembranças de profissionais que vivenciaram a Psicologia em Campinas nas últimas cinco décadas, foi possível construir uma versão sobre a repercussão do contexto político do final dos anos 60, na história dos primeiros anos do Curso de Psicologia da PUC Campinas. E o processo de ingresso da Psicologia no Serviço Público, com destaque para presença do psicólogo na área da Saúde Pública e suas contribuições para a saúde mental dos moradores de Campinas. Também foram apresentados dois exemplos concretos do trabalho atualmente realizado: um Centro de Referência especializado no atendimento de crianças e outro serviço que atende adultos, todos usuários dos serviços de saúde mental da rede pública de Campinas.

Esta é uma pesquisa que ainda está em curso, foi realizada a pesquisa de campo e as fontes primárias encontram-se em processo de análise. Portanto, vários aspectos podem ser colocados em discussão para enriquecer a historiografia da Psicologia em Campinas. Consideramos importante discutir também o uso do vídeo no processo de pesquisa, resultando em documentário que apresenta uma versão da história da Psicologia naquela cidade. Vale ressaltar os cuidados da utilização de meios eletrônicos como instrumento de pesquisa, suportes da História Oral. A análise deste vídeo e das primeiras produções videográficas sobre a História da Psicologia no Brasil poderá possibilitar uma avaliação do estado da arte destas produções dentro da Psicologia no País e contribuir para o aperfeiçoamento de futuros trabalhos com estes recursos.

Gostaríamos também de apresentar este estudo, como uma experiência de construção de trabalho em equipe e de História Oral temática. Mostraremos a Psicologia em uma época e um local específico com o intuito de identificar a sua contribuição para a Saúde Mental na cidade de Campinas, seu atual estágio de desenvolvimento e vislumbrar suas perspectivas futuras.

Palavras-chave: Produção de Vídeos, Psicologia na Saúde Pública, História da Psicologia

Pioneiro da Psicologia do Esporte: João Carvalhaes (Vídeo Documentário)

Mônica Leopardi Bosco de Azevedo

Maria Fernanda Costa Waeny

Membros do Grupo de Trabalho História e Memória da Psicologia (CRP-06) e do Núcleo de Estudos em História da Psicologia PUC-SP

Um dos objetivos do *Projeto Memória da Psicologia Brasileira* do Conselho Federal de Psicologia é registrar depoimentos sobre a trajetória de pioneiros da profissão como forma de preservar a memória e colaborar na construção da identidade do psicólogo. É neste contexto que o Grupo de Trabalho História e Memória no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo insere o Projeto Memória da Psicologia em São Paulo.

Já no início de 2000 a Comissão de Esportes do CRP-06 prepara um evento intitulado "Encontros e Desencontros - Descobrimos a Psicologia do Esporte", em cuja programação estava prevista uma homenagem ao psicólogo do esporte João Carvalhaes. Tendo ciência da Comissão de História e Memória da Psicologia Brasileira, a Comissão de Esportes propõe uma parceria para realização de um vídeo em versão reduzida para apresentação no evento. Aproveitando a oportunidade da parceria, a Comissão de História e Memória propõe a continuidade do projeto reduzido, expandindo a pesquisa e realizando entrevistas, produzindo assim um vídeo documentário de 30 minutos sobre esse psicólogo.

Foram designadas pela comissão as pesquisadoras Mônica Leopardi Bosco de Azevedo e Maria Fernanda Costa Waeny para realizarem a pesquisa e acompanharem a execução do vídeo sobre João Carvalhaes.

As etapas cumpridas pelas pesquisadoras foram as seguintes: reunir todo o material de João Carvalhaes e que estava em posse da família; catalogar, ler e analisar e arrumar em pastas, conforme prometido à família. Estimava-se que tal procedimento permitiria um maior contato com a história do psicólogo, e o intuito principal era preparar o argumento do roteiro do vídeo-documentário e o arquivo sobre o acervo deste psicólogo. As duas pesquisadoras se dividiram na tarefa de ler as cartas, artigos, livros, revistas e entrevistas, também acompanhando as entrevistas realizadas com colegas, amigos e familiares do psicólogo.

As reuniões no CRP serviram como momento de discussão sobre os vídeos em andamento e os critérios sobre como levar a cabo um documentário que, no caso, parecia controverso na medida em que havia dois tipos de julgamentos sobre o pioneiro: um deles, a acusação de falta de ética pela divulgação de material psicológico (no caso, os testes do Pelé e do Garrincha); outro, a defesa contra tais acusações dizendo que este material havia sido roubado, que foi publicado sem a permissão. O acervo do psicólogo mais as entrevistas em que todos os depoentes foram

unânicos quanto à conduta profissional de João Carvalhaes deram o suporte necessário para argumentar esta dupla faceta que parece ter marcado a obra deste pioneiro da psicologia do esporte.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte; História da Psicologia; João Carvalhaes

Fontes para difusão das idéias psicológicas em Minas Gérias entre 1830 a 1930

Denise Maria Nepomuceno
Regina Helena de Freitas Campos
Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff
Faculdade de Educação da UFMG

Essa pesquisa teve por objetivo um levantamento bibliográfico de fontes de difusão das idéias psicológicas em Minas Gérias entre 1830 a 1930. Trata-se portanto de uma pesquisa internalista, pois focalizamos a evolução científica a partir das contribuições originais dos autores. As Palavras-chave usadas foram as seguintes: psicologia, psychologia, moral, moraes, moralidade, hygiene, higiene, aluno, estudante, alumnos, professor, mestre, educador, manual, programas, programmas, inteligência, instrução, educação, escola, colégio. As bibliotecas escolhidas para pesquisa, pelo conteúdo de seus acervos foram: o Arquivo Público Mineiro, a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (Coleção Mineiriana, Patrimonial e Obras Raras), Sistema de bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais e Coleções da Biblioteca Universitária da UFMG, Biblioteca da Universidade Federal de São João del Rey e Biblioteca Batista Caetano (obras raras da UFSJ), Biblioteca Municipal de São João Del Rey, Biblioteca do Centro de Referência do Professor, Sistemas de biblioteca Pontifícia Universidade Católica. A pesquisa foi feita nos sites das bibliotecas que possuem os acervos informatizados ou em processo e em bases de dados locais informatizadas ou não. Encontramos ao total 244 títulos inéditos. Os resultados foram organizados em listas, cada busca bibliográfica nos diferentes acervos resultou em uma lista de títulos em ordem alfabética. No final da pesquisa, organizamos uma grande lista em ordem cronológica com todos os títulos encontrados. Analisamos os títulos por idiomas, acervos e datas. O acervo em que localizamos o maior número de títulos foi o Arquivo Patrimonial da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, onde constam 90 exemplares, um total de 34,88% da pesquisa bibliográfica. O acervo com o menor número de títulos foi Biblioteca Municipal São João Del Rey, com 1,16%. Os idiomas encontrados são o francês, português, espanhol e inglês. Achamos também manuais em latim, alemão e italiano, mas não foram dados significativos. Verificamos a influência francesa em Minas e uma produção local a partir de 1850. O número de publicações aumenta a partir de 1920, 29,92% dos títulos são dessa década, o que pode ser explicado pelo próprio desenvolvimento industrial e cultural do país.

Palavras-chave: fontes, história da psicologia, Minas Gerais

Sessão de Comunicações Coordenadas
História da Psicologia no Brasil

FÉ E PSICOLOGIA: AS NOVAS RELAÇÕES DA IGREJA COM A CIÊNCIA NO PERÍODO DA PRIMEIRA REPÚBLICA

**Ana Maria Jacó Vilela
Marcela Peralva Aguiar
André Luiz da Conceição Fabrício**
Núcleo Clio-Psyché

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O trabalho está inserido no projeto de pesquisa “A Constituição da Psicologia no Brasil: católicos e médicos” que tem como objetivo investigar a contribuição dos discursos médico e católico na formação da psicologia como um saber autônomo. Neste, procuraremos tratar da parte referente aos católicos. O recorte temporal adotado pela pesquisa compreende da chegada da Corte Portuguesa, em 1808, até a regulamentação da profissão e dos cursos de psicologia, em 1962. No que concerne à metodologia empregada, a pesquisa se baseia na investigação de documentos relevantes, levantamento e análise de periódicos (com destaque para “A Ordem”, revista fundada em 1921, e que possuiu papel fundamental na disseminação dos ideais católicos para a sociedade) e ainda levantamento e análise de material relativo à história da igreja católica no Brasil e das relações existentes entre religião e psicologia. A utilização destas fontes demonstram que, a partir da segunda metade do século XIX, a Igreja passou por uma série de transformações. Estava submetida ao Estado pelo regime do padroado, que tirava sua autonomia. Este fato foi a principal razão para o apoio da igreja à implementação da República, apesar da ameaça que esta poderia vir a representar aos seus interesses. Logo após a proclamação da República, o regime do padroado é abolido e estabelecido no Brasil o regime de separação entre a igreja e o Estado pelo decreto 119-A, de 1890, do governo provisório. Ainda no ano de 1890, foi apresentado um projeto da nova Constituição que retirava a representatividade da Igreja e sujeitava seus bens ao Estado o qual, após algumas manifestações da Igreja adotou certas concessões. Apesar de algumas perdas, a igreja obteve uma autonomia desconhecida até então, sendo beneficiada por favores do Estado, exercendo um tipo de autoridade não oficial sobre a população e implicitamente reconhecida pelo Estado, entretanto vinha perdendo grande parte da sua influência junto as elites, devido a ascensão de idéias de cunho positivista, evolucionista e materialista, manifestando a influência progressiva das ciências naturais. Insatisfeita com essa situação, a igreja decide tomar uma série de medidas que tinham por objetivo diminuir a distância entre ela e as elites. Como exemplo destas medidas, podemos citar a criação da revista “A Ordem” e a fundação do Centro Dom Vital, se posicionando de forma mais atuante junto as questões sociais, ambas obras de Jackson de Figueiredo que foi um dos principais expoentes desta reação católica, sendo, inclusive, o responsável pela conversão de vários intelectuais que atuaram ao seu

lado em favor da Igreja, entre eles, Alceu Amoroso Lima, principal substituto de Jackson dentro da atuação laica católica. Dentro dessa nova posição, destaca-se, também, a figura de Leonel Franca que através de suas obras discutia as questões religiosas do momento relacionando-as inclusive com o discurso científico, que anunciava uma psicologia não igual à proposta pelos católicos. No decorrer deste processo, a Igreja começa a discutir a utilidade dessas ciências em seu benefício, usando o estudo da psicologia como ferramenta para suprir as lacunas existentes na formação dos padres e auxiliá-los na vivência em uma sociedade, que segundo ela, se encontrava em desequilíbrio em meio as tensões e conflitos de ordem moral. Ao mesmo tempo que, ao acompanhar o desenvolvimento dessa nova ciência, entendia que poderia conter a penetração na sociedade de idéias que iam de encontro aos seus interesses. Marca-se assim, uma nova maneira da Igreja pensar as questões científicas.

Palavras-chave: igreja; psicologia; fé
(CNPq, UERJ)

Memória da Psicologia em São Paulo

Carmem Silvia Rotondano Taverna

Coordenadora do GT História e Memória da Psicologia - CRP/06 (gestão 1998-2001)* e participante do Núcleo de Estudos em História da Psicologia/Programa de Psicologia Social – NEHPSI/PUC-SP

Com o objetivo de registrar a trajetória dos psicólogos pioneiros paulistas, por meio de depoimentos em vídeo, de preservar a memória da profissão e de contribuir para a construção de uma identidade para a psicologia brasileira, foi constituído, no período de 1999 - 2001, o Grupo de Trabalho História e Memória da Psicologia no Conselho Regional de Psicologia – SP. A proposta integrou projeto maior *Memória da Psicologia Brasileira*, desencadeado nacionalmente pelo Conselho Federal de Psicologia. Participaram do GT psicólogos e pesquisadores em História da Psicologia, que se posicionaram frente ao projeto, com a preocupação de produzir conhecimento histórico, na perspectiva de compreender a psicologia como construção histórica, como possibilidade de se encontrar as concepções que a fundamentam em suas bases teóricas e metodológicas e as relações que estabelecem com a sociedade brasileira, entendendo que ao conhecermos a trajetória dos pioneiros, poderemos compreender alguns dos aspectos que influenciaram, ou mesmo determinaram o contexto atual da psicologia enquanto ciência e profissão. Foram considerados pioneiros os personagens que trabalharam para a institucionalização da Psicologia nos anos 40-50 e que de alguma maneira incentivaram ou mesmo, se envolveram na regulamentação da profissão.

O projeto ancorou-se na metodologia da história oral, entendida como o registro da memória viva das pessoas, capaz de construir uma imagem abrangente e dinâmica do passado, desde que registra várias visões, ou diferentes visões das pessoas que efetivamente vivenciaram um determinado período histórico ou, uma situação histórica. Além disso, essa metodologia pressupõe que a História não se limita a narrar fatos, mas entendê-los. Pressupõe a compreensão da realidade presente, promovendo a construção da identidade e oferecendo pistas, caminhos, para a construção de projetos futuros.

No período em que o GT se reuniu foram produzidos os vídeos:

Imagens de Magui, sobre a trajetória de Maria Margarida Moreira Jorge de Carvalho. Magui participou da fundação do primeiro curso de Psicologia na USP e do Serviço de Orientação Profissional na USP, até hoje em funcionamento. Na década de 70, inovou na área da arte-terapia com os trabalhos realizados na Penitenciária do Estado de São Paulo e no Setor de Psiquiatria do Hospital do Servidor Público. Aposentada em 1983 da tarefa docente, passou a se dedicar ao trabalho com pacientes com câncer e encontrou na hipnoterapia de Milton Erickson, um recurso para ajudar essas pessoas.

Pioneiro da Psicologia do Esporte, João Carvalhaes. A atuação de João Carvalhaes ganhou visibilidade em 1958, quando integrou a equipe técnica da Seleção Brasileira de Futebol, campeã da Copa do Mundo, na Suécia. Preocupado com a formação integral do atleta e com o rigor científico em seu trabalho, proferiu palestras e participou de congressos. Nessa intersecção inaugurou, em âmbito mundial, a Psicologia do Esporte e expôs o trabalho do psicólogo ao grande público.

Betti Katzenstein, Uma Psicóloga do Século XX. Katzenstein atuou em diversas áreas: psicologia do desenvolvimento, seleção e orientação profissional, psicologia hospitalar, psicologia clínica e psicologia do excepcional. Nascida na Alemanha em 1906 e formada pela Universidade de Hamburgo, emigrou para o Brasil em 1936. Estabeleceu-se em São Paulo; trabalhou no Laboratório de Psicologia do Instituto de Educação da USP, na Cruzada Pró-Infância, no Senai, Idort, APAE, Pestalozzi e Lar Escola São Francisco. Chefiou o Serviço de educação pré-primária do Estado de São Paulo; foi professora da Escola de enfermagem da USP, da Escola de Sociologia e Política de São Paulo e do Departamento de Psicologia da Unesp de Assis.

A Psicologia no Serviço Público em Campinas: Reflexões da História. A trajetória da Psicologia iniciou-se na Escola Normal Carlos Gomes, na Escola Industrial Bento Quirino e mais tarde, em 1960, na Escola de Cadetes. Em 1965, o primeiro curso começou a ser ministrado na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Campinas. Em 1968 e 1969, a crise política atravessada pelo país trouxe conseqüências ao curso, provocando discordâncias internas e culminando com a demissão de 49 professores. Em 1974 ocorreram as primeiras contratações de psicólogos na Prefeitura de Campinas, primeiro na Secretaria de Promoção Social e posteriormente na Administração e Saúde. Em 1979, foi criado o Ambulatório de Saúde Mental da Prefeitura e, em 1980, o ambulatório do Estado. A municipalização da Saúde na década de 1990 reestruturou os serviços de Saúde Mental. Atualmente, a Psicologia está presente na Secretaria de Assistência, Recursos Humanos e na Saúde (CEVI, CAPs, Centros de Saúde, Hospital Dia, entre outros serviços).

A pesquisa para cada produção foi estruturada da seguinte maneira: (1º) coleta de depoimentos do personagem/psicólogo e/ou de pessoas a ele relacionadas, ou ainda, de fontes orais complementares e de pesquisas documentais, iconográficas e bibliográficas realizadas em arquivos particulares e públicos. As entrevistas foram orientadas por roteiro elaborado a partir de pesquisa inicial sobre o material existente a respeito do personagem ou tema pesquisado, prevendo-se a realização de pelo menos uma ou duas entrevistas prévias, apenas em áudio, antecedendo a entrevista definitiva em vídeo. (2º) pesquisa de contextualização histórica, utilizando como fontes: periódicos, livros, artigos e reportagens, além de fontes orais para situar a carreira do personagem pesquisado, no tempo e lugar em que se desenvolveu. Essa pesquisa selecionou o material considerado mais apropriado para a ilustração do vídeo. (3º) O material coletado foi organizado em fichas: de identificação do psicólogo pesquisado (cadastro, perfil, trajetória profissional e acadêmica); de catalogação de documentos, fotos e objetos (especificações técnicas

e descrição do conteúdo) e da bibliografia (dados editoriais, sumário, resumo da obra e dados complementares).

Os documentos em vídeos têm em média 30 minutos, envolvendo os depoimentos, imagens ilustrativas, imagens gravadas em ambientes de vivência do psicólogo pesquisado, e sua visão sobre o futuro da psicologia. As imagens foram captadas em Mini-DV, em sistema de cor NTSC.

Palavras-chave: memória da psicologia; história da psicologia no Brasil; produção de vídeos.

A PSICOLOGIA NO MARANHÃO: um pouco de sua história

Márcia Antonia Piedade Araújo

Departamento de Psicologia

Universidade Federal do Maranhão.

Para compreender a psicologia é preciso considerar sua história. Não a que busca somente uma linearidade evolutiva, mas a que considera que tal história está em processo e conhecida através de amplos estudos e pesquisas sobre essa ciência e profissão. O presente trabalho se propõe a analisar os caminhos percorridos pela psicologia no Maranhão considerando-se como recorte temporal o período que antecede a criação dos cursos, de 1970 aos anos noventa do século XX, na tentativa de mostrar como se estruturou essa área no Estado, entendendo que a compreensão da trajetória é indispensável para pensar a psicologia em suas transformações e problemáticas atuais. O trabalho ressalta a psicologia como área de conhecimento, considerada uma produção histórica que emerge em função de determinada realidade sócio-econômica, nesta estabelece relações com diferentes fatores de natureza política, social, cultural e científica. Destaca-se, neste trabalho, a preocupação em construir o futuro da psicologia formando novas gerações de psicólogos com o sentido de consciência histórica. Para realizar este estudo utilizamos, como referência constante em nossas análises, autores que concebem a história da psicologia como produção social articulada ao movimento histórico da sociedade. Objetivando, portanto, conhecer a história percorrida pela psicologia no Maranhão, a pesquisa foi desenvolvida tomando-se por base as fontes documentais no sentido de abranger o levantamento de documentação referente aos precursores, à constituição dos cursos de psicologia, das escolas de psicanálise, como também relatos orais, através de entrevistas. Os informantes foram selecionados a partir de critérios adequados ao escopo da pesquisa, tais como: a família do Padre João Miguel Mohana; os primeiros psicólogos de São Luís das décadas de 70 e 80; membros das escolas de psicanálise de São Luís; professores de outras instituições de ensino superior que, ao longo dos anos oitenta, ministraram cursos de especialização aos professores da Universidade Federal do Maranhão; professores do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão, que dele fizeram parte desde antes da fundação do curso, estando ou não ainda em exercício, além dos admitidos por concurso após a criação do curso; professores do curso de Psicologia do Centro Universitário do Maranhão, tanto os que participaram de sua criação quanto os admitidos posteriormente. Constatou-se que o processo de conquista de espaço próprio para a psicologia no Maranhão ocorreu de forma lenta, já que o pouco conhecimento da população do Estado em relação à profissão indicava, claramente, que as condições maranhenses (histórico, cultural, econômica) ainda não eram propícias a este tipo de atividade profissional. Soma-se a isso, a demora do meio universitário na criação de um curso de psicologia no Estado e a escassez da oferta de trabalho com raras oportunidades para o psicólogo, os quais enfrentaram várias

dificuldades entre as décadas de 70 e 80 para demarcar o campo específico de saber e de trabalho. Assim, durante muito tempo o conhecimento psicológico esteve atrelado ao Padre João Miguel Mohana, com o reconhecimento da população que o procurava para tratar de assuntos dessa ordem. Constatou-se também que na década de 80 ocorreu uma difusão de instituições psicanalíticas em São Luís, a partir das dissidências ocorridas no primeiro grupo de psicanalistas. A pesquisa revelou ainda que o curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão vem ultrapassando aos poucos as dificuldades e barreiras, conseguindo fornecer uma formação de qualidade à comunidade maranhense e, que curso de Psicologia do Centro Universitário do Maranhão alcançou um de seus principais objetivos, o de oferecer um número maior de vagas aos interessados pela área, entretanto, outros objetivos importantes, inerentes a um curso de graduação, ainda estão por ser atingidos.

Palavras-chave: História da Psicologia. Psicologia – Maranhão. Cursos de Psicologia – Maranhão

A OBRA DE ANIELA MEYER-GINSBERG: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA SOCIAL NO BRASIL

Mônica Leopardi Bosco de Azevedo⁵

Núcleo de Estudos em História da Psicologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Em sua tese de doutorado a autora apresentou um panorama histórico do estado da arte da Psicologia no Brasil, desde seu descobrimento até fins do século XIX, baseando-se em autores como Lourenço Filho (1954), Massimi (1990) e Pfromm Netto (1981). Para complementá-lo, recorreu a trabalhos de Cabral (1950), Angelini e Agatti (1987) e Antunes (1998), que versam sobre as primeiras décadas do século XX, sob a ótica da História da Psicologia. Com isso, contextualizou o momento que se encontrava a Psicologia quando Aniela Meyer Ginsberg passou a integrar e construir este panorama.

A personagem objeto do trabalho, apresentando uma vasta e diversificada produção acadêmica, que além de ter atuado profissionalmente em centros de referência em Psicologia, junto a tantos outros personagens, também foi responsável pela formação de uma escola de sucessores, justifica a feitura da tese. A análise dos dados foi realizada em função da produção científica publicada, destacando as qualidades de pesquisadora de Aniela Meyer Ginsberg.

Além da biobibliografia, análise de conteúdo foi feita sobre o conjunto de sua obra escrita, localizada e organizada para a tese, que abrange artigos, capítulos de livros, livros, projetos de pesquisa, resenhas críticas, resumos apresentados em congressos, complementada pela análise de monografias, dissertações e teses orientadas por ela e da relação de dissertações e teses (de doutorado e de livre- docência) de cujas bancas de defesa participou. Entrevistas com colegas e ex-alunas de Doutora Aniela foram ainda realizadas, para esclarecimento de aspectos levantados ao longo da análise.

A interpretação dos dados, feita com base na análise de conteúdo da produção publicada, conduziu a três fases a biobibliografia em referência. A primeira diz respeito ao período que compreendeu a data de sua chegada ao Brasil, em 1936, indo até 1950, ano que marca o início da segunda fase e que se estende até 1973, período de atuação na PUC de São Paulo. O último período abrange a fase da aposentadoria de Doutora Aniela até sua morte, período este em que a psicóloga continua a pesquisar e orientar; porém, reduz sua carga horária na instituição.

⁵ Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; membro do Núcleo de Estudos em História da Psicologia da PUC-SP

A apreciação dos dados revelou que Doutora Aniela chega à cidade de São Paulo, vinda da Polônia, com o doutorado em Filosofia. Fato bastante significativo nos anos 30, no país, pois ainda eram muito raros os profissionais com o título "Doctor Philosophiae". E foi em São Paulo que teve início o desenvolvimento da carreira profissional da psicóloga, inicialmente colaborando com Noemy da Silveira Rudolfer no Laboratório de Psicologia Educacional do Instituto de Educação "Caetano de Campos", na realização de pesquisas e, também, na Escola Livre de Sociologia e Política, dirigindo o Laboratório de Psicologia Social anexo à referida cadeira. Nos fins dos anos 30 até a década de 40 trabalhou no IDORT (SP), no SENAI (SP), na atual UFBA (BA) e no ISOP (RJ). Publicou artigos sobre Psicologia do Anúncio, o Psicodiagnóstico de Rorschach e a distância social entre os escolares, em revistas como os *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica*, *Boletim de Psicologia*, *Revista do Arquivo*, *Psychological Bulletin* e *Journal de Psychiatrie Infantile*, entre outros, além de ter participado da 1ª. Jornada Brasileira de Psicologia (1943), organizada por Helena W. Antipoff, em Belo Horizonte e do 1º. Congresso Paulista de Psicologia, Neurologia, Psiquiatria, Endocrinologia, Medicina Legal e Criminologia (1938), em São Paulo, entre outros. Filiou-se, na época, à Sociedade de Psicologia de São Paulo.

No início dos anos 50, convidada por Enzo Azzi, organizou e dirigiu o Centro de Orientação Psicológica do Instituto de Psicologia da PUC-SP. Participou de 12 eventos científicos, metade deles no exterior. Suas publicações versavam sobre pesquisas relacionadas com o Psicodiagnóstico de Rorschach, a diversidade étnica e social, a orientação profissional e sobre uma investigação relacionada com ladrões habituais, no *Boletim do Instituto de Psicologia Experimental e Educacional*, posteriormente a *Revista de Psicologia Normal e Patológica*. Escreveu também em 1953 capítulo intitulado "Psicologia Diferencial" no livro organizado por Otto Klineberg, *A Psicologia Moderna*, que marcou época no desenvolvimento da Psicologia em nosso meio.

Dos anos 60 a 80, continuou publicando trabalhos sobre o Psicodiagnóstico de Rorschach e realizou pesquisas com imigrantes e emigrantes, as quais deram origem ao livro de sua autoria *Um Estudo Psicológico de Imigrantes e Migrantes*, publicado em 1964. Além disso, participou em bancas examinadoras de cursos de especialização, mestrado, doutorado e concurso de Livre-Docência e de Professor Titular nesse período, como também orientou monografias, dissertações e teses, de maneira intensa. Apesar de ter assumido atividades de docência, cargos administrativos e diretivos, continuou publicando e participando continuamente de eventos científicos. Principalmente nos anos 70 e 80 recebeu subvenções dos principais órgãos de fomento à pesquisa para suas investigações. Por meio da análise e interpretação dos dados, a autora do trabalho destacou aspectos da carreira de Aniela Meyer Ginsberg, principalmente com sua dedicação à pesquisa na área de Psicologia Social.

Foi possível verificar-se não somente quantitativamente, como também qualitativamente como a trajetória de Aniela Ginsberg contribuiu para o desenvolvimento da Psicologia no Brasil: seja pela originalidade e pioneirismo na escolha dos temas de pesquisa; seja por sua inserção em

instituições como o Laboratório de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Escola Livre de Sociologia e Política, IDORT, SENAI, ISOP-RJ e Centro de Orientação Psicológica do Instituto de Psicologia da PUC-SP; seja por sua ativa participação em associações, em eventos e órgãos de divulgação científica nacionais e internacionais; seja por suas atribuições administrativas ao ocupar cargos diretivos; seja em atividades universitárias na orientação e análise de produções científicas, além de participações em bancas em nível universitário.

Esta personalidade da Psicologia do Brasil contribuiu, não só para o desenvolvimento da Psicologia Social, como também para as áreas de Psicologia Clínica, do Trabalho e Educacional, tanto em termos de pesquisa como no exercício profissional.

Palavras-chave: Aniela Meyer Ginsberg; História da Psicologia Social no Brasil; Psicologia Social

Sessão de Comunicações Coordenadas

Prevenção e saúde mental

Entre a imagem e a escrita: o sujeito

Jeanne Darc Carvalho⁶

Faculdade de Psicologia

Centro Universitário da FUMEC

A partir de três situações experimentais conduzidas por A. R Luria em sua pesquisa sobre o acesso da criança à escrita, ou o que o autor nomeia a “pré-história” da escrita, discuto a possibilidade de resgatar a dimensão subjetiva de um dos sujeitos investigados a partir da problematização do autor.⁷ É a idéia da escrita como um signo auxiliar da memória ou seja, a substituição de uma memória natural por uma memória mediada, que orienta o pesquisador na suposição de que um desenvolvimento similar pode ser apurado no desenvolvimento infantil.

Portanto o “psicólogo desenvolvimentista”, concentra sua atenção no período pré-escolar da vida da criança para encontrar aí a origem da escrita. Três situações experimentais colhidas no texto do autor servirão de referência para a discussão pretendida. Luria conduzia as crianças a impasses, demandando-lhes que utilizassem a escrita para descrever situações ou memorizar informações. A tarefa incitava-as a utilizar a escrita não como brinquedo, mas como uma técnica mediadora auxiliar para atingir um fim. Assim o autor percebe que um marco diferencial é alcançado quando as crianças distinguem marcas gráficas para expressar conteúdos específicos. O “signo-estímulo” converte-se em “signo-símbolo”, o traço passa a ser significativo. Resulta disto que o desenvolvimento da escrita tanto na história da civilização como no desenvolvimento infantil se resume na substituição, primeiro, de linhas e rabiscos por figuras e imagens e, posteriormente, por signos, nesta seqüência.

Das situações experimentais colhidas no texto do autor, a primeira, traduz um ponto de impossibilidade do sujeito frente ao enigma da linguagem escrita; a segunda ilustra, no desempenho do sujeito, um ponto de passagem entre a imagem – escrita pictográfica – e o signo arbitrário- escrita alfabética; e por fim, aquela em que a criança “escreve” na interpretação do autor, na medida em que utiliza um signo sem relação alguma com o significado.

No primeiro caso, Luria conclui que ao encontrar dificuldade em representar pictograficamente a sentença: “Há muitas estrelas no céu”, a criança contorna o problema retratando uma situação global em que “vê estrelas”. Desenha o céu, a janela através da qual vê as estrelas. É interessante observar que dos três sujeitos tratados na pesquisa, somente um se coloca ou se inclui no desenho. “M”, na falta do signo que represente a sentença: “Há muitas estrelas no céu”, coloca-se como um “olhar através da janela”.

⁶ Mestranda do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG. Professora do curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia do Centro Universitário da Fumec.

Considero então, importante ressaltar no registro de Luria, que algumas crianças necessitam um tempo a mais para conseguirem tomar o que grafam na condição de signo convencional da língua. A pergunta é se “M”, ao se colocar no desenho, como um “olhar através da janela” estaria indicando um momento importante na sua relação com a imagem e não só com a imagem no sentido genérico, mas com a “imagem do corpo”, já que é como um pedaço, ou parte do corpo que o sujeito comparece no ponto de dificuldade com o signo.

Do ponto de vista subjetivo, algo se coloca então, impedindo um curso evolutivo na dimensão cognitiva.

Palavras-chave: escrita, imagem, sujeito.

⁷ Exemplos experimentais referem-se ao artigo: “O desenvolvimento da escrita na criança” de Luria em *Linguagem, desenvolvimento, aprendizagem*. São Paulo: Icone, 1998.

A dimensão lúdica da Literatura Infantil aplicada a Educação Especial.

Maria Marly Lopes Assis

Universidade Federal de São João Del Rey e APAE – São João Del Rey

Maria Aparecida Arruda

Universidade Federal de São João Del Rey

Elaine Cristina de Resende

APAE – São João Del Rey

Adriana Magalhães Veiga

Universidade Federal de São João Del Rey

1. Introdução:

Este trabalho relata a experiência de um Projeto de Extensão do Departamento das Ciências da Educação (DECED) da Universidade Federal de São João del Rey (UFSJ) em conjunto com a Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APAE) de São João del Rey.

Este Projeto se encontra em andamento e tem como objetivo, despertar através do lúdico o gosto pela Literatura e a Leitura no portador de necessidades especiais, proporcionando desta forma uma integração destes educandos em um universo cultural e social, desenvolvendo também criatividade, expressão e uma maior consciência do “eu”.

2. Argumentação Teórica:

A literatura infantil como expressão artística nos permite ampliar o mundo simbólico da criança, levando-a a tornar-se mais percebadora dos seus próprios conflitos em uma verdadeira relação com o imaginário, desenvolvendo sua percepção de mundo e enriquecendo seu universo afetivo.

Ao aplica-la à educação especial, pretende-se integrar o portador de necessidades especiais, ao mundo que o cerca, fazendo-o desenvolver suas capacidades, seus talentos e perceber seus limites.

3. Conclusão:

Espera-se deste trabalho transformar o processo de ensino aprendizagem em um meio mais fácil e significativo para que esses educandos alcancem a melhoria da auto-estima, sociabilidade e a motivação.

Palavras-chave: Extensão, Inclusão, Literatura.

O SINTOMA ESCOLAR EM ALUNOS DE MEIOS SOCIAIS FAVORECIDOS

Maria Luisa de Oliveira Salomon
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais⁸

Este trabalho apresenta reflexões feitas a partir dos dados de uma pesquisa sobre situações de fracasso escolar de alunos de meios com alto capital econômico e cultural.⁹

Um número considerável de alunos de meios favorecidos, sem déficits cognitivos, pedagógicos ou temperamentais, estudando em “boas escolas particulares”, contrariam as predições e não apresentam um desempenho escolar compatível com o potencial individual e o de seu grupo familiar e social.

Buscamos aqui compreender o que estaria ocorrendo nos processos de socialização familiar e escolar, na própria cultura e organização escolar que possibilita a configuração do insucesso desses alunos. O fracasso escolar é entendido nesse contexto, como um processo ativado pela escola, que inclui reprovar, avaliar negativamente, ou até mesmo expulsar o aluno, por baixo rendimento ou problemas de comportamento.

Na literatura especializada, o fracasso escolar é tratado como um fenômeno das classes populares. Sabe-se, porém que ele ocorre também nas classes mais favorecidas, embora apareça disfarçado com outras roupagens, tornando-se visível sob a caracterização de distúrbios de conduta, desajustes emocionais, ou seja, tendo desfocada a sua visibilidade sociológica. Cada classe social fabrica seus excluídos. Em geral, quando um aluno de classe média não vai bem na escola, os pais lançam mão de várias estratégias para enfrentar esse problema: aulas particulares, profissionais especializados ou, mesmo, mudança de escola. Assim, o insucesso apresentado não é institucionalizado e oficialmente, a categoria do fracasso escolar nas elites fica sem representatividade.

O sintoma escolar é analisado em sua dimensão social e em sua singularidade, focalizando as determinações sociais, culturais, escolares, intrapsíquicas e familiares que possam estar agindo na configuração dos problemas de aprendizagem e de adaptação desses alunos. São discutidas as condições da cultura onde esse “fracasso” é produzido, a formação das subjetividades, os valores e a formação de ideais. Em seguida fazemos uma reflexão sobre os ideais e projetos dos alunos e suas famílias, as representações sobre a escola, o estudo e as

⁸ Especialista em Psicologia Clínica, Mestre em educação pela PUC Minas. (2001 - orientação da Dra Rita Amélia Vilela. Professora da Puc Minas).

⁹ No trabalho original: pesquisa qualitativa usando análise de conteúdo, foram examinadas dez situações de fracasso escolar estatisticamente improváveis focalizando as relações família - filho e suas interações com o universo escolar. Utilizando-se do conceito de configuração social de Elias e das proposições de Bourdieu, evidenciou-se o papel dos processos de socialização dissonantes, da alteração da produção do sentido e da crise da ética do estudo na produção das situações de fracasso escolar.

práticas escolares, lazer e cotidiano desses jovens, praticas educativas familiares e ordem doméstica - tentando captar as relações entre estes aspectos e a formação do sintoma escolar.

Não existe fracasso escolar e sim pessoas concretas em situações de fracasso, assim, contextualizamos a adolescência, período de vida em que se encontram os alunos dessa pesquisa.

Cada escola produz um tipo de aprendiz e de repetente e as escolas particulares fazem parte, também do sistema de produção da industria do fracasso. Pressionadas pela busca de sobrevivência, em um mercado cada vez mais competitivo, muitas escolas se apegam a idéias de excelência, tornando-se mais seletivas e alienadas, produzindo uma "legião de fracassados". Por outro lado, a escola hoje se depara com uma juventude cada vez mais livre, autônoma e independente, que as próprias famílias têm dificuldade de educar e de conter.

A complexidade e diversificação da sociedade contemporânea dificultam a formação de ideais e projetos. Cada vez mais aumentam os níveis de escolaridade e de especialização exigidos pelo mercado, aumentando o contingente de pessoas "excluídas". A formação superior não é mais vista como garantia de sucesso e de inserção profissional. A exclusão contemporânea tende a criar indivíduos totalmente desnecessários ao universo produtivo, descartáveis, sem possibilidades de inserção, sem o "estatuto de consumidores", que é o que verdadeiramente inclui nos tempos atuais e que dá ao sujeito sua "identidade", numa economia de mercado, onde a pessoa vale por seu poder de consumo.

As intensas e rápidas transformações da sociedade atual, a inexistência de valores bem definidos ou a mudança radical nestes, contribuem para aumentar os conflitos e a complexidade dos processos que os jovens vivenciam. Assistimos uma época marcada pelo desgaste progressivo da dimensão grupal do ser humano, com um recuo para o individual. A sociedade contemporânea caracteriza-se pelo grande declínio da tradição e da autoridade. A família deixou de ser um centro normativo e vem perdendo seu caráter acolhedor. A ausência dos pais, as tarefas de trabalho cada vez mais intensas são elementos que, também, descentralizam e desorganizam o grupo familiar.

As classes não são agrupamentos homogêneos e comportam fortes discontinuidades em termos de ethos e visão de mundo. Nas classes médias com projeto de ascensão social, o fraco rendimento escolar de um filho é vivido como uma real ameaça a sua própria identidade gerando uma forte mobilização nos pais. Concluir apenas o ensino médio ou não conseguir ter acesso a boas faculdades constitui-se num fracasso diante das expectativas e dos valores interiorizados. Em uma sociedade altamente competitiva, que valoriza tanto a excelência, limites ou deficiências tendem a se rejeitados e sujeitam os seus portadores a um processo de exclusão e conseqüentes sentimentos de desvalorização pessoal e baixa autoestima, aumentando os riscos de marginalização social.

Entre as diversas reflexões e hipóteses levantadas discute-se: a descrença desses jovens e de suas famílias no valor de uma formação superior; a atitude pessimista em relação ao futuro; o apego a valores materiais e a cultura hedonista do consumo; o despreparo dos pais e da escola para lidar com os desafios da época atual e com os adolescentes, desconsiderando os aspectos afetivo-sociais dos jovens e a importância das instâncias socializadoras escola e família na formação da juventude. A escola, na perspectiva desses alunos, tem fracassado em atender suas necessidades cognitivas, afetivas e sociais, havendo um descompasso entre o currículo escolar e a curiosidade dos jovens bem como entre os modos de socialização familiar e escolar. A socialização dos jovens vem ocorrendo em espaços e tempos variados, com referências culturais variadas, constituindo um conjunto heterogêneo de redes de significados que são articulados e adquirem sentido na ação cotidiana dos jovens, mas que não encontram ressonância no espaço escolar. Esse estudo aponta a importância de se ouvir o aluno, enquanto sujeito ativo de sua aprendizagem, para se conhecer a sua experiência escolar e aprofundar a reflexão psicológica e a pedagógica acerca da tarefa de ensinar/aprender.

Palavras-chave: fracasso escolar, adolescência e formação de ideais, socialização familiar.

O Trabalho de Helena Antipoff com Excepcionais: uma reflexão de suas implicações no atual movimento de inclusão escolar

Vivianne Menezes de Oliveira¹⁰

Unicentro Newton Paiva

O presente artigo propõe uma reflexão sobre as convergências e divergências entre o trabalho desenvolvido por Helena Antipoff com “excepcionais” no âmbito educacional, e o atual movimento de inclusão escolar firmado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Visa, ainda, a construção de um quadro histórico-evolutivo da educação oferecida aos “excepcionais”, e o entendimento dos efeitos segregacionistas implícitos na inclusão daqueles em rede regular de ensino.

A escolha desse tema se deve a uma experiência pessoal no trabalho com Educação Especial, em que pudemos observar claramente a inviabilidade do movimento de inclusão escolar na forma como está se concretizando, com matizes nitidamente ideológicos e políticos.

Tomamos como ponto de partida um histórico da exclusão social dos indivíduos que apresentam alguma característica que fuja aos padrões de normalidade, e da restrição à sua atuação no contexto social. Pretendemos demonstrar que tal exclusão tem sido legitimada pelos processos de identificação daqueles indivíduos.

Analisando a colocação dos excepcionais em rede regular de ensino, destacando a divisão do contingente de alunos através da criação das classes especiais, coloca-se em destaque o trabalho desenvolvido por Helena Antipoff, à partir da década de 30, no sistema educacional, pois esta tornou-se um dos ícones da reforma educacional em Minas Gerais e outros Estados do Brasil.

Estudando-se o trabalho realizado por Helena Antipoff, pode-se observar que, apesar do efeito segregacionista dos “excepcionais” no sistema regular de ensino, a mesma apresentava propostas paliativas para a inclusão destes, ainda que em espaços diferenciados de escolas normais. Não obstante o seu trabalho buscasse aplicar uma idéia democrática de educação pública para todos, acabou por ressaltar a diferença, na execução de um programa educacional sob medida.

Percebemos a proposta de educação inclusiva como uma tentativa de se construir uma sociedade onde haja o reconhecimento da subjetividade que pressupõe a aceitação das limitações e diferenças dos indivíduos. Contudo, vale ressaltar que o premente na sociedade atual é a valorização do indivíduo enquanto um agir e pensar iguais.

Pretendemos apontar, à partir de parâmetros de comparação entre o trabalho de Helena Antipoff com os “excepcionais” e a proposta de educação inclusiva, pontos comuns e divergentes que predisponham ao efeito segregacionista do excepcional da rede pública de ensino.

Palavras-chave: Educação, inclusão, deficiência.

¹⁰ Estudante do 10º Período do Curso de Psicologia do Unicentro Newton Paiva.

Psicanálise e educação: uma investigação das queixas escolares

Margaret Pires do Couto¹¹

Unicentro Newton Paiva

e

Instituto Superior Anísio Teixeira da Fundação Helena Antipoff

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma contribuição da psicanálise ao problema das queixas escolares. A partir da prática de supervisão de um estágio intitulado *Diagnóstico e Tratamento das Queixas escolares* em uma clínica escola¹² pretende-se problematizar os diversos encaminhamentos de crianças com algum tipo de queixa escolar para atendimentos psicológicos. Esses encaminhamentos dividem-se em dois grandes grupos: crianças que apresentam algum tipo de desordem no comportamento, e crianças que apresentam dificuldades em aprender conteúdos escolares específicos. No primeiro grupo são encaminhadas aquelas nomeadas como agressivas, hiperativas, desatentas etc. No segundo, encontram-se, principalmente, os impasses na alfabetização e nos primeiros cálculos matemáticos.

Partindo de uma orientação lacaniana, pretende-se demonstrar, através de apresentação de fragmentos de alguns casos clínicos, duas contribuições fundamentais da psicanálise nesta investigação: o desvelamento do efeito segregativo da oferta de significantes provenientes do discurso médico e psicológico aos sujeitos que fracassam na escola e a importância da operação de singularização, através da escuta analítica, destas queixas escolares.

Ao recebermos estes encaminhamentos, percebemos que a prática, comum às escolas, de ofertar significantes provenientes do discurso científico ao comportamento inadequado do aluno, tem como principal efeito o silenciamento dos sujeitos, uma vez que promove a captura imaginária aos significantes que vêm do Outro. Além disso, este tipo de prática está sustentada em diagnósticos precoces, imprecisos e sem consistência teórica. Demonstram ainda, o anonimato e a generalização que estas crianças são tratadas em sua vida escolar, já que todas passam a apresentar o mesmo problema. Assim, é comum recebermos crianças que apresentam comportamentos os mais diversos na escola nomeadas como hiperativas. O problema deste tipo de nomeação é que além do confinamento da subjetividade ao silêncio, tal como dito anteriormente, impede que se investigue qualquer outro tipo de fator que possa interferir nos problemas escolares, dentre eles, a própria oferta pedagógica e a qualidade do ensino ministrado na agência educativa. Ao contrário disso, a Psicanálise aposta que este comportamento "desadaptado" da criança na escola quer dizer alguma coisa, indica algum mal-estar. Em última instância, a Psicanálise aposta no valor de linguagem do comportamento humano e por isso nos

¹¹ Psicanalista, membro da Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise, professora do Unicentro Newton Paiva e do Instituto Superior Anísio Teixeira da Fundação Helena Antipoff.

¹² Clínica de Psicologia do Unicentro Newton Paiva

convida a oferecer a escuta para que alguma significação seja aí produzida, porém, pelo próprio sujeito.

Outra contribuição fundamental da Psicanálise a este campo, diz respeito a como a escuta destas crianças nos ensina que as queixas escolares podem ganhar significados diferentes, de acordo com a particularidade de cada caso. As crianças que fracassam na escola podem, através de suas dificuldades, nos revelar impasses os mais diversificados: impasses em suas relações sociais e familiares, impasses pedagógicos, impasses com o saber inconsciente. Assim, a partir da singularização destas queixas, ou seja, a escuta do particular de cada caso, torna-se possível localizar os motivos singulares que levam um sujeito a fracassar ou ter sucesso na escola, bem como reconhecer a participação de cada um na produção destes problemas escolares: a escola, os professores, a família e o próprio sujeito aprendiz. Desta forma, rompe-se com uma leitura dicotômica que pretende culpabilizar algum destes atores pelo fracasso escolar, levando cada um a responsabilizar-se pelo que faz.

Finalizando, ao interrogar os significantes ofertados às crianças que fracassam na escola a escuta analítica permite vacilar a alienação destas ao lugar de “problemáticas” e também, apontar como o saber do Outro sobre o sujeito pode ser segregador. Além disso, nos orienta a construir intervenções específicas que levem em consideração a singularidade de cada caso.

Palavras-chave: dificuldades escolares, discurso científico, psicanálise

Arquivos UFMG de História da Psicologia no Brasil

1. HISTÓRICO E OBJETIVOS

Os Arquivos UFMG de História da Psicologia no Brasil foram estabelecidos em 1997, na Sala Helena Antipoff - Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais. O site do arquivo é www.bu.ufmg.br. Nele estão disponíveis as bases para consulta, informações sobre os Arquivos e sobre Helena Antipoff. Tiveram origem em 1986, quando a professora e pesquisadora Regina Helena de Freitas Campos, em busca de fontes de pesquisa para a sua Tese de doutorado, começou a investigar a documentação reunida no Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff _ CDPHA, na Fazenda do Rosário em Ibirité. Após alguns meses de trabalho, foram localizadas fontes inéditas no acervo da psicóloga e educadora Helena Antipoff. Constatada a diversidade e a riqueza dos documentos, foi elaborado, em 1993, um projeto, de autoria da pesquisadora _ hoje professora da Faculdade de Educação/ UFMG, com os objetivos de inventariar, organizar e tornar disponível esse acervo para a pesquisa em história da psicologia e da educação brasileiras.

Inicialmente, o trabalho de organização do acervo seria executado em Ibirité, na Fundação Estadual Helena Antipoff. Com o desenvolvimento das atividades, o maior envolvimento da UFMG e a demanda pela organização de fontes em história da psicologia no Brasil, o projeto ampliou seus objetivos - tornar-se um centro de referência em história da psicologia no Brasil - o que deu origem aos Arquivos. A partir de então, acervos de outros pesquisadores da área vêm sendo incorporados aos Arquivos.

A equipe responsável pelos trabalhos inclui pessoal com formação em arquivologia e em psicologia, além do pessoal treinado em técnicas de conservação e restauração que trabalha sob a orientação do Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis - CECOR-UFMG. Uma equipe de Consultores presta assessoria na organização dos acervos.

A expressão "história da psicologia no Brasil" refere-se a iniciativas de caráter teórico ou prático em psicologia que tiveram lugar no Brasil, e às conexões estabelecidas entre essas iniciativas e a psicologia praticada em outras partes do mundo. Como a psicologia no Brasil está profundamente relacionada à história da educação, sobretudo à história do pensamento educacional e dos sistemas de ensino, os acervos constituem materiais de interesse também para historiadores em educação. Assim, em termos institucionais, os Arquivos estão vinculados tanto à linha de pesquisa

"História da Psicologia e Contexto Sócio-cultural", do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, quanto à linha de pesquisa "História Social e Educação", da Faculdade de Educação da UFMG.

2. ACERVOS

2.1 ACERVO CDPHA

O que é o CDPHA

Em 6 de agosto de 1979, em Belo Horizonte, nas comemorações do cinquentenário da chegada de Helena Antipoff ao Brasil, a Profª Helena Dias Carneiro, representante da Sociedade Pestalozzi do Brasil, apresentou o projeto de criação de um centro nacional cujos objetivos seriam: preservar a memória de Helena Antipoff, documentar sua obra e divulgar seu ideário. A proposta foi aceita e, decorridos oito meses, o CDPHA foi criado, em 25 de março de 1980. Dentre as atividades do CDPHA, desde sua fundação, destacam-se a realização do Encontro Anual Helena Antipoff, que já se encontra na sua vigésima primeira edição, e a publicação do Boletim do CDPHA, que está em seu 16º ano de publicação. Além disso, o CDPHA cuida do acervo documental que pertenceu a Helena Antipoff em duas seções: na Sala Helena Antipoff, na Biblioteca Universitária da UFMG, e na Fundação Estadual Helena Antipoff, em Ibirité.

Constituição/origem

Consiste em uma parte da documentação do CDPHA cedida por Daniel Antipoff, através de contrato firmado com a UFMG, em 1997. Constitui-se de documentos inéditos como: manuscritos, correspondências, textos avulsos, anotações, publicações de circulação restrita e fotografias. Inclui documentos relacionados à trajetória de Helena Antipoff: os estudos em Paris e Genebra, o trabalho como psicóloga e educadora na Rússia, na Suíça e no Brasil e à organização e funcionamento do Complexo da Fazenda do Rosário, produzidos e acumulados no período de 1927 a 1987. Inclui também publicações produzidas pelo Centro de Documentação. A outra parte da documentação encontra-se no CDPHA, em Ibirité, em processo de organização e acondicionamento.

Temas

- Jogos pedagógicos
- Educação especial
- Pesquisas em Psicologia e Psicometria
- Educação rural
- Sociedade Pestalozzi
- Fazenda do Rosário
- Testes psicológicos
- Homenagens a Helena Antipoff
- Vida e obra de Helena Antipoff
- Teatro na educação

Organização do conjunto dos documentos

Os documentos obedecem a uma organização já existente - em caixas, realizada pelo pessoal do CDPHA, na Fundação Helena Antipoff, em Ibirité.

Quantidade

- 54 caixas de documentos e 3 caixas de jornais.

Instrumentos de pesquisa

Catálogo informatizado

2.2 ACERVO JOSEF BROZEK

Quem é Josef Brozek

Educador, cientista, historiador da psicologia Nasceu em Melnik, Boemia (atual República Tcheca), em 24 de agosto de 1913, filho de Josef Francis e Filomena (Sourek) Brozek. Obteve o grau de Doutor na Charles University, na cidade de Praga, em 1937. Em 1939, mudou-se para os Estados Unidos, naturalizando-se cidadão norte-americano em 1945.

Durante sua trajetória profissional atuou em diversos campos da psicologia e biologia humanas, e desenvolveu o interesse pela história da psicologia, paralelamente às outras atividades, a partir de 1963. Neste período, foi o responsável pela criação da divisão da história da psicologia no quadro da *American Psychological Association*, foi membro fundador do *Journal of the History of the Behavioural Sciences*, e da Sociedade Internacional de História das Ciências Comportamentais e Sociais (mais tarde chamada CHEIRON). Entre suas diversas publicações na área de História da Psicologia, destaca-se o volume, editado em parceria com Ludwig Pongratz, intitulado *Historiography of Modern Psychology*, traduzido para o português em 1988 (Brozek, J. e Massimi, M. Historiografia da Psicologia Moderna:versão brasileira. São Paulo: Loyola, 1998).

Após visita à Sala Helena Antipoff, em 1996 (quando veio ao Brasil para participar da Reunião de instalação do Grupo de Trabalho em História da Psicologia da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia _ ANPEPP), Brozek doou parte de sua biblioteca e acervo pessoais aos Arquivos UFMG de História da Psicologia no Brasil. Este conjunto constitui o Fundo Josef Brozek.

Constituição/origem

Conjunto de documentos produzidos e acumulados por Josef Brozek ao longo de sua vida profissional e acadêmica. Constitui-se de livros, correspondências, fotografias, textos avulsos, periódicos, separatas e slides. Abrange período de 1891 a 1996. O acervo foi doado aos *Arquivos* em 1998, pelo titular.

Temas

- História da Psicologia
- História da Psicologia Norte Americana

Quantidade

- 76 livros e 7 títulos de periódicos.

Instrumentos de Pesquisa

Catálogo informatizado.

2.3 ACERVO HELENA DIAS CARNEIRO

Quem foi Helena Dias Carneiro

Helena Dias Carneiro teve um primeiro contato com Helena Antipoff no Rio de Janeiro no ano de 1945, buscando tratamento para seu filho excepcional. Tornou-se, a partir deste momento, uma das primeiras mães de excepcionais a colaborar na obra de Helena Antipoff, engajando-se na criação da Sociedade Pestalozzi do Brasil (SPB) naquele mesmo ano e atuando em vários outros projetos em prol da infância excepcional. Assim, participou da fundação da primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) em 1954, coordenou o Conselho de Estudantes da SPB, foi membro do Conselho Consultivo da SPB em 1975, foi Segundo Tesoureiro da Federação Nacional das Sociedades Pestalozzi no período entre 1978-1982 e atuou na publicação do o Boletim da SPB.

Em 6 de agosto de 1979, em Belo Horizonte, nas comemorações do cinqüentenário da Chegada de Helena Antipoff ao Brasil, a Profª Helena Dias Carneiro, como representante da Sociedade Pestalozzi do Brasil, apresentou o projeto de criação de um Centro Nacional destinado à preservação e divulgação da obra de Helena Antipoff. Este projeto deu origem ao Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), que foi inaugurado em 1980, tendo uma seção em Ibirité e outra no Rio de Janeiro, assumindo Helena Dias Carneiro a coordenação desta última. Foi a idealizadora não só do CDPHA, mas também da implantação de um Arquivo Oral e da instituição do Encontro Anual Helena Antipoff e da publicação do Boletim do CDPHA.

Constituição/origem

Documentos produzidos e acumulados por Helena Dias Carneiro durante o período de convivência com Helena Antipoff e logo após a sua morte. Constitui-se de correspondências e recortes de jornais. Abrange período de 1947 a 1984. Foi doado em 1997, por Daniel Antipoff.

Temas

- Arte e educação
- Bem dotados
- Educação especial
- Mensageiro Rural
- Sociedade
- Pestalozzi

Organização

Foi mantida a ordem original definida pelo titular. Arranjo em séries, por tipo de documento: série correspondência, em ordem cronológica e série recortes de jornais, por assunto.

Quantidade

- 240 Correspondências

- 59 livros e 17 títulos de periódicos.

Instrumentos de pesquisa

Catálogo informatizado

2.4 ACERVO DANIEL ANTIPOFF

Quem é Daniel Antipoff

Daniel Antipoff é filho da educadora e psicóloga Helena Antipoff e do jornalista e escritor Vitor Iretzky. Formou-se em Agronomia pela Universidade de Viçosa, em 1938. Atuou como agrônomo em Contagem e passou a frequentar o curso de Filosofia da Universidade de Minas Gerais - UMG, em 1943. Ainda no início da década de 50, foi um dos membros fundadores do Serviço de Orientação e Seleção Profissional - SOSPP período em que se habilitou na aplicação de testes de inteligência e na condução de entrevistas psicológicas. Em 1956, foi aluno do curso de Psicologia Experimental ministrado por André Rey no Instituto Superior de Educação Rural - ISER, em Ibirité. Em 1957, quando a Sociedade se estabeleceu, foi eleito seu primeiro Secretário Geral.

Em São José dos Campos trabalhou como psicólogo residente, em 1963. Na Universidade de Denver, nos Estados Unidos, fez, em 1970, um curso de pós- graduação em Educação de Crianças Excepcionais, habilitando-se na aplicação de testes de inteligência e na condução de entrevistas psicológicas.

Em 1980, criou o Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff - CDPHA, acatando sugestão de Helena Dias Carneiro para a preservação da filosofia e das idéias de sua mãe. Em 1989, tendo como superintendente o Dr. Hélio Alkmim, assumiu a direção da Fundação Helena Antipoff, administrando os

setores de Psicologia e Pedagogia, a Escola Sandoval Soares de Azevedo e os cursos de aperfeiçoamento para o professorado rural.

Trabalhando com Psicologia clínica e orientação profissional desde a década de 50, a partir da década de 80 ficou conhecido também por atuar no diagnóstico de crianças e adolescentes bem-dotados, atividades das quais ainda hoje se ocupa, ao lado da direção do IPAMIG e da administração da EDUC.

Constituição/origem

Conjunto de livros e periódicos produzidos e acumulados por Daniel Antipoff ao longo de sua carreira. Abrange o período de 1892 a 1998. O acervo foi doado pelo titular em 1998.

Temas

- Psicologia
- Helena Antipoff
- Educação Especial
- História da Psicologia
- Psicanálise
- Educação
- Sociedade Pestalozzi
- Testes

Quantidade

-131 livros e 27 títulos de períodos.

Instrumentos de pesquisa

Catálogo informatizado

2.5 ACERVO CAMPOS

Quem é Regina Helena de Freitas Campos

Professora adjunta de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação – UFMG. Doutora em Educação pela Universidade de Stanford (1989).

Constituição/origem

Conjunto de livros e periódicos doados, em 1998, por Regina Helena Freitas Campos e seu marido, Léo Pompeu de Rezende Campos. Abrangem o período de 1936 a 2003. Os livros fizeram parte do acervo pessoal dos titulares, sendo alguns produzidos pelos mesmos.

Temas

- História da Psicologia
- Psicologia
- Psicologia Social
- Direito
- Educação
- Quantidade

Comentado [U1]: De que se trata?

Quantidade

- 103 livros e 14 títulos de periódicos.

Instrumentos de pesquisa

Catálogo informatizado

2.6 CATÁLOGO DE FONTES MARINA MASSIMI

Constitui-se de uma base de dados bibliográficos (referências de livros, teses, manuscritos) para pesquisa em história da psicologia no Brasil, sendo que todo o material está fisicamente localizado em bibliotecas do Estado de São Paulo. Foi gerada a partir de pesquisa feita pela Profa. Marina Massimi, da Universidade de São Paulo _ Ribeirão Preto, e doada pela titular em 1997.

A base de dados permite a busca por autor, título e assunto traz o número de localização da obra, na biblioteca em que se encontra.

Tema

- História da Psicologia no Brasil

2.7 CATÁLOGO DE FONTES DENISE NEPOMUCENO

Constitui-se de um levantamento bibliográfico de fontes de difusão das idéias psicológicas em Minas Gerais entre 1830 a 1930. Feito pela bolsista de Iniciação Científica - CNPq Denise Maria Nepomuceno, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Helena de Freitas Campos. Lista o total de 264 títulos, sendo 244 títulos inéditos. As bibliotecas escolhidas para a pesquisa, por contarem com acervos relevantes para a história de Minas Gerais, foram: o Arquivo Público Mineiro, a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (Coleções Mineiriana, Patrimonial e Obras Raras), Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais e Coleções da Biblioteca Universitária da UFMG, Biblioteca da Universidade Federal de São João del Rey e Biblioteca Batista Caetano (obras raras da UFSJ), Biblioteca Municipal de São João Del Rey, Biblioteca do Centro de Referência do Professor, Sistemas de Bibliotecas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

A listagem permite localizar os documentos por título e autor.

Tema

- História da Psicologia em Minas Gerais

Comentado [U2]: Porque inéditos? Não foram publicados?

3. CONSERVAÇÃO

A documentação é conservada em ambiente climatizado, com controle de temperatura e umidade. O tratamento de conservação nos documentos está sendo realizado com o objetivo de prolongar a durabilidade e a permanência do acervo, da melhor maneira existente, e na sua integridade física e documental. As etapas do tratamento são: limpeza mecânica individualizada; remoção de material metálico ou objetos incompatíveis com o suporte, papel; acondicionamento em pastas individuais, em pastas coletivas e em caixas com lotes de documentos classificadas por assunto. O material utilizado na conservação dos documentos são: papel, e adesivos neutros.

4. DOAÇÕES

Aceita-se doações de acervos relacionados à História da Psicologia no Brasil. O material a ser doado será previamente avaliado, para verificar sua relação com os objetivos dos *Arquivos*.

As condições de doação serão acertadas entre o doador e a universidade, podendo-se estabelecer restrições à consulta, ou mesmo estipular um prazo para que a consulta ao material seja permitida livremente.

5. ORIENTAÇÃO QUANTO À CONSULTA

A Sala Helena Antipoff está aberta diariamente, de 13:30 às 17:30 horas, exceto sábados, domingos e feriados, no nº 300, 3º andar da Biblioteca Central da UFMG.

O acesso é livre e é feito através da entrada principal da Biblioteca. A consulta aos documentos é feita mediante a orientação do funcionário responsável, observando-se alguns procedimentos:

- Usar luvas ao manusear o material (fornecidas pelos Arquivos);
- Não se alimentar dentro do recinto;
- Deixar os materiais consultados sobre as mesas.

Estão vedadas a saída de documentos e a tiragem de fotocópias, salvo sob autorização, por escrito, do funcionário responsável. Os acervos estão disponível no site www.bu.ufmg.br.

6. EQUIPE RESPONSÁVEL

Coordenação

Profa. Regina Helena de Freitas Campos
Setor de Psicologia – Departamento de Ciências Aplicadas à Educação
Faculdade de Educação da UFMG

Consultores

Profa. Beatriz de Rezende Dantas
Departamento de Fotografia e Cinema
Escola de Belas Artes da UFMG

Profa. Bethania Reis Veloso
Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis
Escola de Belas Artes da UFMG

Profa. Cynthia Greive Veiga
Setor de História da Educação
Depto de Ciências Aplicadas à Educação
Faculdade de Educação da UFMG

Prof. Douglas Cole Libby
Diretor - Centro de Estudos Mineiros
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

Prof. Josef Brozek
Lehigh University, USA
Archives of the History of American Psychology _ University of Akron

Prof. Luís Antonio Cruz Souza
Centro de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis
Escola de Belas Artes da UFMG

Profa. Maria do Carmo Guedes
Núcleo de História da Psicologia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Profa. Marina Massimi
Depto de Psicologia e Educação
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Universidade de São Paulo - Campus de Ribeirão Preto

Prof. Miguel Mahfoud
Depto de Psicologia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

Profa. Sylvia Parrat-Dayana
Archives Jean Piaget
Universidade de Genebra, Suíça

Profa. Terezinha Rey
Archives de L'Institut Jean Jacques Rousseau - Universidade de Genebra, Suíça

Profa Vilma Moreira dos Santos
Depto de Organização e Tratamento da Informação
Escola de Ciência da Informação - UFMG

Assistentes-bolsistas

Denise Maria Nepomuceno
Pedagogia – Faculdade de Educação – UFMG

Érika Lourenço
Doutaranda em Educação pela UFMG

Laisa Vilanova
Pedagogia – Faculdade de Educação – UFMG

Raquel Martins de Assis
Doutoranda em Educação pela UFMG